

A Justiça de Deus: Relacionamentos Justos entre Mulheres e Homens, Meninas e Meninos

Materiais de Estudos para uso de
Faculdades de Teologia, Seminários e
Programas de Formação na
Comunhão Anglicana



Índice

Introdução	3
Um momento crescente na Comunhão Anglicana	7
Os objetivos do Programa de Estudos.....	9
Metas de Aprendizado	9
Resultados Esperados	10
Seção 1: Criando um ambiente de aprendizado	11
Criando um Lugar Seguro	11
A importância do aprendizado individual e do diálogo respeitoso na comunidade ..	12
Valorização do contexto e da cultura locais.....	13
Seção 2: Estratégias de Aprendizado	15
Análise de Contexto	17
Releitura das Escrituras para discernir sobre a perspectiva de Deus	18
Ação Fiel.....	18
Seção 3: O que é gênero?	20
Gênero no dia-a-dia.....	22
Conversas sobre Gênero, sob a perspectiva bíblica	23
Seção 4: Desigualdade de Gênero através das culturas	27
Diferenças de gênero, igualdade e equidade.....	29
Desigualdade de gênero e sexualidade	31
Espaços separados por gênero e desigualdade de gênero.....	31
Desafios para a desigualdade de gênero no uso dos espaços	33
Desigualdade de gênero no trabalho produtivo e reprodutivo	33
Desigualdade de gênero e trabalho na Igreja	35
Organizações de gênero e desigualdade	35
Transformando a desigualdade de gênero	36
Seção 5: Violência e Abuso causados e baseados no gênero	38
Violência baseada em gênero.....	38
Violência baseada em gênero como questão teológica e ética para a Igreja.....	45
Seção 6: Perspectivas teológicas	47
1. A dignidade do ser humano dentro da criação	47
2. O chamado da igreja.....	49
3. O chamado da Comunhão Anglicana	50
Sessão 7: Masculinidades e Feminilidades Transformativas	54
Jesus como modelo de masculinidade transformadora	54
Liderança transformadora.....	55
Masculinidades transformativas	57
Mulheres como discípulas e líderes no Novo Testamento.....	58
Feminilidade transformativa	62
Sessão 8: Testemunhar relações de gênero justas em nossos ministérios	64

As referências bíblicas nestes materiais de estudo foram tiradas da Bíblia de Jerusalém.

Imagem de capa cortesia de Side By Side (Lado al Lado) Ghana www.sidebysidegender.org

Um documento que indica publicações e outros recursos para acompanhar estes materiais de estudo pode ser acessado em <https://www.anglicancommunion.org/mission/women-gender-justice/tools-for-transformation.aspx>

Introdução

Estes materiais são oferecidos a faculdades de teologia, seminários e programas de formação como componente ou módulo que podem ser incorporados aos currículos e programas já existentes para mulheres e homens que estão se preparando para ministérios leigos ou ordenados, ou que continuam a desenvolver sua educação ministerial.

Teólogas/os de seis continentes fizeram contribuições para essas notas. Suas reflexões convidam para uma crítica e uma discussão realizadas dentro de uma comunidade teológica respeitosa. Será importante explorar e contextualizar a linguagem e a terminologia usadas como parte do processo de aprendizagem.

Nas Escrituras, a história de Deus e da humanidade é uma história de relacionamentos e de anseio por relacionamentos: a custosa busca de Deus por um relacionamento conosco; nossa busca de relacionamento com Deus; nosso relacionamento umas com as outras [pessoas]¹.

A qualidade de nosso relacionamento é vista como intrinsecamente ligada à qualidade de nosso relacionamento com Deus. Ao mesmo tempo que falamos em caminhar com Deus, também falamos de praticar a justiça e a bondade amorosa.

Relacionamentos justos entre mulheres e homens, meninas e meninos são fundamentais para o florescimento humano - a vida abundante que Deus deseja para todas/os as/os suas/seus filhas/os.

No entanto, em nossas igrejas e comunidades ao redor do mundo, estamos ficando aquém deste imperativo do Evangelho. Atitudes, suposições, estereótipos e expectativas baseadas em gênero podem moldar comportamentos negativos e impor ônus a todas nós, especialmente quando se trata de poder - quem tem poder e como o poder é usado.

As relações de poder desiguais entre mulheres e homens, seja entre indivíduos ou incorporadas em estruturas sociais, econômicas, religiosas e políticas, podem ter consequências profundamente prejudiciais. Mulheres e meninas, homens e meninos podem ficar presos em mitologias e teologias distorcidas, em prejuízo próprio e em detrimento de famílias, comunidades e nações. As mulheres e meninas podem ser sistematicamente desfavorecidas e oprimidas em todas as esferas da vida.

A violência baseada em gênero é uma manifestação endêmica de relações desiguais de poder entre mulheres e homens, meninas e meninos, e é perpetrada em uma variedade de ambientes, desde domésticos a educacionais e em tempos de guerra e agitação política.

Em 2017, o #MeToo se tornou viral nas mídias sociais, começando na América do Norte e se espalhando rapidamente para outras partes do mundo. Isso logo se tornou um movimento global, reunindo uma variedade de hashtags alternativas, como #BelieveSurvivors, #ChurchToo, #MyDressMyChoice, #TimesUp e

¹ NT: Nesta tradução está aplicada a linguagem inclusive, portanto a forma feminina será usada para garantir a concordância adequada, normalmente considerando o sujeito oculto "pessoas". Às vezes se usará a barra (/) para incluir as/os.

#HeForShe. Essa campanha revelou a magnitude da prevalência de agressão sexual e assédio, não menos importante em nossas igrejas e locais de trabalho.

O #MeToo emergiu como um novo movimento, mas os padrões nocivos do patriarcado e também da misoginia (um sistema operando dentro de uma ordem social patriarcal para "policiar" e reforçar a subordinação das mulheres e manter o domínio masculino) têm séculos de idade em muitas das nossas culturas e precisam ser trabalhadas à luz do amor indiscriminado e redentor de Deus.

Pesquisas realizadas pela Organização Mundial da Saúde mostraram que, em todo o mundo, uma em cada três mulheres sofre violência física ou sexual perpetrada por um parceiro íntimo.² Membros da família perpetram cerca de 5.000 assassinatos (crimes de honra) de mulheres por ano.³ O feminicídio, o assassinato de mulheres baseado em gênero, tem sido um fenômeno crescente na América Latina, com corpos femininos acabando em lixões e valas. Mulheres e meninas representam 71% das vítimas do tráfico de seres humanos no mundo.⁴ O Fundo de População da ONU sugere que mais de 163 milhões de mulheres estão desaparecidas da população da Ásia por meio de aborto seletivo contra o sexo, infanticídio ou outros meios.

Todos os dias, 38.000 meninas são coagidas a casar precocemente⁵ e são mais propensas a engravidar antes que seus corpos estejam suficientemente maduros para um parto seguro de seus bebês. De fato, complicações durante a gravidez e o parto são a segunda maior causa de morte entre meninas de 15 a 19 anos em todo o mundo.⁶ Atualmente, a mutilação genital feminina afeta mais de 125 milhões de meninas e mulheres.⁷

Em tempos de guerra e de conflitos por uma ampla gama de perpetradores, desde milícias e soldados do governo até forças de manutenção da paz, a violência sexual é praticada contra mulheres e meninas como forma de exercer poder e controle. Os conflitos exacerbam as desigualdades de gênero e a violência baseada em gênero, que se tornam "normais" e persistem muito depois da assinatura dos acordos de paz. Mesmo assim, entre 1990 e 2017, as mulheres constituíam apenas 2% das mediadoras, 8% das negociadoras e 5% das testemunhas e signatárias em todos os principais processos de paz.⁸ Apenas um pequeno percentual das centenas de tratados de paz, elaborados nos últimos 20 anos, contêm referências específicas às mulheres.⁹

² Organização Mundial da Saúde, 2014

³ Fundo de População das Nações Unidas

⁴ UNODC

⁵ Plano Internacional, 2014

⁶ Organização Mundial da Saúde, 2014

⁷ Organização Mundial da Saúde, 2014

⁸ Mulheres da ONU e Conselho de Relações Exteriores (5 de janeiro de 2018). Participação das mulheres nos processos de paz, <https://www.cfr.org/interactive/womens-participation-in-peace-processes>

⁹ "Gender and Peacebuilding: Why women's involvement in peacebuilding matters", Kathleen Kuehnast, 2015, <http://www.buildingpeace.org/think-global-conflict/issues/gender-and-peacebuilding>

O custo global da violência contra as mulheres e seu impacto no desenvolvimento, nas economias e na saúde é enorme. Seu impacto na vida humana individual é incalculável.

Os rígidos estereótipos de gênero, assim como seus papéis tradicionais também afetam homens e meninos que podem achar difícil satisfazer as expectativas, especialmente em circunstâncias de conflito, instabilidade econômica e migração forçada. Os homens e meninos que estão sujeitos à pressão social, para se conformarem às formas dominantes de masculinidade, podem se sentir obrigados a demonstrar comportamento agressivo e violento enquanto restringem qualquer demonstração de emoções que os tornem vulneráveis. Tal comportamento tem o efeito de marginalizar outros homens e meninos, assim como mulheres e meninas.

Embora não tão prevalente, a violência sexual e baseada no gênero também é cometida contra homens e meninos, e o estigma resultante associado a ser um sobrevivente masculino de tal violência é tão prejudicial como o é para uma sobrevivente do sexo feminino.

Frequentemente, as pessoas de fé têm estado na vanguarda da manutenção do *status quo* e até mesmo de reforçar construções estereotipadas de masculinidade e feminilidade que preparam o terreno para a violência baseada em gênero, assim como, outras injustiças, e inibem mais amplamente o florescimento humano. Temos sido cúmplices na estigmatização de vítimas/sobreviventes de violência baseada em gênero e não conseguimos criar um espaço seguro em nossos locais de culto onde elas/es possam encontrar acolhida, um senso de pertencimento e cura.

No entanto, líderes da igreja e ministras/os ordenadas/os e lideranças leigas em todos os níveis, se adequadamente sensibilizadas/os e equipadas/os, têm o potencial de desempenhar um papel enorme na transformação da justiça de gênero.

As pessoas buscam os líderes da igreja e esperam sua orientação moral. O clero e as/os ministras/os leigas/os conhecem seu povo e sua cultura local, e estão em posição de autoridade para questionar interpretações bíblicas e tradições e práticas culturais que prejudicam, seja sobrecarregando ou diminuindo o valor de mulheres e meninas, homens e meninos.

A Bíblia não é uníssona, há diferentes vozes ali; isso é evidente em seu retrato diversificado e, por vezes, ambivalente das relações entre mulheres e homens. No entanto, no Antigo Testamento há um entendimento inicial e claro de mulheres e homens sendo igualmente feitos à imagem divina (Gênesis 1.27), e isso é ecoado por Paulo no Novo Testamento dentro do contexto de nossa vocação batismal (Gálatas 3.27-28).

Nos relatos dos evangelhos, o ministério e o ensino de Jesus oferecem uma reformulação radical das normas e valores tradicionais masculinos e femininos. Há muito a explorar profundamente e valorizar à medida que buscamos modelos de liderança e relacionamentos positivos que reflitam a cura, a reconciliação e a vida abundante.

As pessoas que exercem liderança e pregam na Igreja podem promover a vida com Jesus como modelo, expondo textos bíblicos que são libertadores e redentores para mulheres e homens, além dos valores e crenças cristãs que promovem segurança, autonomia e respeito. Eles podem enfatizar os aspectos de harmonia entre os valores de nossa fé e o melhor de nossa herança cultural.

Portanto, o treinamento, a formação e a preparação dos líderes e ministros da igreja nessa área são essenciais à medida que elas/es se preparam para mostrar e pregar o Evangelho de Jesus Cristo em Sacramento e Palavra e nas vidas que elas/es vivem.

A jornada fiel, informada e intencional em direção a relações justas e de igualdade de gênero, nos leva ao ponto em que estamos dispostas/os e confiantes o suficiente para abrir espaço uma/um para outra/o. Na grande dança da vida, somos chamadas/os a nos movimentar constantemente para dar espaço aos pés das/os outras/os, para que também possam participar plenamente da boa criação de Deus.

Diante de Deus, a reflexão sobre gênero... é refletir sobre o significado de ser homem e mulher. É perguntar o que significaria sermos divididos em gêneros mais como um dom, ao invés de um risco, uma fonte de vida e de esperança, em vez de opressão ou medo, como algo a ser recebido com gratidão de Deus, em vez de ser experimentado como fonte de conflitos.

Susan Durber, 'Of the Same Flesh: Exploring a theology of gender' Christian Aid 2014

Nesta família global que é a Igreja, já houve movimentos significativos para quebrar o domínio das mitologias patriarcais e distorcidas em torno do poder, assim como aumentar a conscientização e promover o compromisso para esta jornada.

Por exemplo, “a construção de comunidades justas de mulheres e homens” é uma prioridade em todas as atividades do Conselho Mundial de Igrejas, uma vez que continua a convidar as pessoas cristãs em todos os lugares a participar de uma peregrinação por justiça e paz. É reconhecido que as experiências, perspectivas e participação de mulheres e homens são igualmente necessárias para a renovação transformadora da igreja e da sociedade, e que apenas as relações de gênero são essenciais à medida que respondemos às mudanças climáticas, construímos uma economia de vida e promovemos apenas paz e dignidade humana.

Dentro da Comunhão Anglicana, há sinais claros de que, nos níveis de base e de lideranças, as igrejas começaram a desafiar as narrativas hegemônicas sobre as relações de poder de gênero e estão ativamente elevando a justiça de gênero como parte integrante a fim de assegurar que todas/os tenham a oportunidade de alcançar seu potencial dado por Deus.

Um momento crescente na Comunhão Anglicana

Muitas igrejas locais e grupos anglicanos estão usando campanhas ecumênicas e de base, além de outras oportunidades para ampliar a conscientização sobre a violência baseada no gênero e nas questões mais amplas da injustiça de gênero. Eles mantêm cultos e vigílias de oração, organizam oficinas, estudos bíblicos e teatro de rua, e se unem a outras pessoas em suas comunidades para promover ações conjuntas e com incidência política. Tais campanhas e oportunidades incluem os 16 Dias de Ativismo contra a violência baseada em gênero (25 de novembro a 10 de dezembro), a campanha de quinta-feira de luto contra a violência sexual, o Dia Internacional da Mulher e a campanha Fita Branca (um movimento de homens e meninos por justiça de gênero).

‘Homens e mulheres, somos criados igualmente por Deus à sua imagem. Nosso Senhor Jesus Cristo nos salvou igualmente na cruz. Como podemos dizer que estamos salvos se nossas mulheres e crianças não estão seguras? A violência contra mulheres e crianças não é o caminho de Cristo. É pecado. Jesus nos chama para amar uns aos outros, umas às outras. Nossas comunidades de fé devem se unir e resistir à violência contra mulheres e crianças em nossa comunidade e em nosso lar.’

Arcebispo Winston Halapua, Igreja Anglicana em Aotearoa, Nova Zelândia e Polinésia, durante os 16 Dias de Ativismo 2016 (<http://bit.ly/2UqKwdB>)

Um número crescente de anglicanas/os, episcopais e parceiros ecumênicos estão se unindo localmente para trabalhar juntos como parte do movimento de fé internacional, liderado localmente pela justiça de gênero.¹⁰

Durante a Conferência de Lambeth de 2008, as/os bispas/os e seus cônjuges realizaram uma sessão conjunta chamada “Iguais sob Deus: Quando há abuso de poder” para discutir o abuso de poder e violência contra as mulheres. O documento *Indaba Reflections*, que resultou de Lambeth 2008, referiu-se à violência baseada no gênero dentro da Igreja e refletiu que a violência imposta às mulheres e crianças dentro do corpo de Cristo, é violência realizada ao próprio corpo de Cristo. O documento também observou que o papel das/os bispas/os é colaborar para que as comunidades de fé sejam agentes de transformação e reconciliação.¹¹

Em janeiro de 2011, após sua reunião em Dublin, Irlanda, a Carta dos Primazes às Igrejas incluiu um forte compromisso de “participar da formação de clérigas/os e pastoras/es para que elas/es estejam cientes da natureza e da dinâmica da violência de gênero e como certas atitudes e comportamentos podem ser desafiados e transformados”.

¹⁰ Side by Side for Gender Justice, <http://www.sidebysidegender.org/>

¹¹ Lambeth Indaba, Capturing Conversations and Reflections from the Lambeth Conference 2009: Equipping Bishops for Mission and Strengthening Anglican Identity. August 2008. English: <http://bit.ly/2GfCwmW>, Spanish: <http://bit.ly/2UrPal6>

Em 2013, o Conselho Consultivo Anglicano (CCA [ACC, em inglês]) aprovou uma resolução solicitando que todas as igrejas-membro trabalhassem para alcançar o Objetivo de Desenvolvimento do Milênio 3, “Promover a igualdade de gênero e empoderar as mulheres”¹² em suas próprias estruturas de governo, e em outros órgãos a que eles nomearem ou designarem.¹³ Este pedido foi revisitado nas resoluções 14.33¹⁴ e 15.07¹⁵ em reuniões do CCA subsequentes.

A resolução 15.07 do CCA também recomendou que as faculdades teológicas e os programas de treinamento da Comunhão Anglicana "garantam que os currículos incluam pelo menos um componente destinado a treinar todo o clero e outros ministros em relação a:

- natureza e a dinâmica da violência sexual e de gênero;
- como atitudes e comportamentos positivos entre mulheres, homens, meninas e meninos podem ser encorajados e afirmados;
- conscientização dos indicadores frequentemente presentes em situações que envolvem o tráfico de meninas e meninos, mulheres e homens para fins sexuais e trabalho de exploração; e,
- base bíblica e teológica que sustenta o trabalho para eliminar a violência doméstica e de gênero”.

Em 2016, as resoluções do ACC 16.02, sobre Mulheres e Homens na Igreja e Sociedade¹⁶ e 16.03, sobre Igualdade de Gênero e Justiça¹⁷, enfatizaram a importância de respostas para a presença e experiência mais ampla e incorporada da injustiça de gênero.

Os compromissos e resoluções como essas são importantes; entretanto, as boas intenções precisam se transformar em realidades vividas - em nossas igrejas e suas estruturas, nas famílias e comunidades que alcançamos, e em estruturas mais amplas que sistematicamente desvirtuam e oprimem mulheres e meninas em todas as esferas da vida, e que podem compor um senso de direito entre homens e meninos.

A Comunhão Anglicana está empenhada em colocar em prática a missão holística, expressa em suas Cinco Marcas de Missão. A injustiça de gênero afeta tantos os seus membros e as comunidades que serve, que trabalhar pela transformação é urgente e inevitável. Este trabalho terá que ser realizado de maneiras variadas e abrangentes. A sessão final neste material de estudo faz uma série de sugestões, usando as Cinco Marcas como uma estrutura para ação.

¹² Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas (ODM) 2000-2015 foram substituídos pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 2015-2030, que incluem o ODS 5, 'Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas'. Vários outros ODS incluem metas de gênero, <https://www.un.org/sustainabledevelopment/sustainable-development-goals>

¹³ Resolução ACC 13.31, Ver <http://bit.ly/2vNRDlp>

¹⁴ Ver <http://bit.ly/2wdlUG2>

¹⁵ Ver <http://bit.ly/2ir7v50>

¹⁶ Ver <http://bit.ly/lWi8VeY>

¹⁷ Ver <http://bit.ly/2MXBo8c>

Os objetivos do Programa de Estudos

A seguir, são sugeridos objetivos para um programa de estudo baseado nestes materiais.

- Educar e ajudar na formação holística do clero e outros ministros através do aprofundamento dos entendimentos bíblicos e teológicos de:
 - por que os seres humanos, mulheres e homens, meninas e meninos, têm igual valor e dignidade inata?
 - implicações para o compartilhamento de poder, conhecimento e recursos, e para a liberdade dos sistemas culturais e interpessoais de privilégio e opressão
 - por que a violência doméstica e baseada em gênero é uma perversão pecaminosa de nossa resposta ao amor reconciliador de Deus por todas as pessoas e, portanto, é inaceitável, indesculpável e intolerável?
- Incentivar as/os participantes a explorar cada tópico individualmente e de forma colaborativa e, em um ambiente seguro, permitir que o tópico questione sua vida e ministério passados, presentes e futuros de maneira teologicamente informada.

Metas de Aprendizado

Um programa de estudo aumentará a capacidade das/os participantes de:

- compreender e valorizar a igualdade e a dignidade humanas dadas por Deus;
- articular algumas bases bíblicas e teológicas para as relações de poder entre mulheres e homens, meninas e meninos, na Comunhão Anglicana e além;
- entender relações de gênero justas como parte integrante do discipulado cristão e da vida vivida como Jesus;
- selecionar textos bíblicos sobre temas relevantes para o tópico e as preocupações contextuais das comunidades das/os participantes, e explorá-los e interpretá-los criticamente usando as técnicas do "Estudo Contextual da Bíblia", e respeitando a igualdade e a dignidade dadas por Deus para mulheres e homens;
- identificar os ensinamentos dos evangelhos sobre redenção e igualdade para mulheres e homens e interpretá-los teológica e pastoralmente com outras pessoas;
- reconhecer como as culturas imbuídas de valores patriarcais levaram à má compreensão e à má aplicação dos princípios bíblicos, levando à desvalorização de mulheres e meninas e à legitimação "divina" de tal desvalorização;
- compreender algumas das causas da violência baseada em gênero, abuso e exploração, porque elas são moralmente equivocadas e buscar formas de acabar com elas bem como de preveni-las;

- Entender que a participação ativa de vítimas/sobreviventes de violência, abuso e exploração por causa de seu gênero é essencial, uma vez que sua experiência vivida informa o trabalho teológico nessa área;
- reconhecer a responsabilidade das lideranças da Igreja em perpetrar a injustiça de gênero e em silenciar aquelas/es que falam e reconhecer o papel positivo e vital destas mesmas lideranças em:
 - desafiar atitudes prejudiciais e práticas culturais, acabando e impedindo a violência baseada em gênero, abuso e tratamento desrespeitoso de mulheres e meninas, assim como homens e meninos;
 - pregar e promover os benefícios e modelagem de relacionamentos de apoio mútuo caracterizados pelos valores da fé cristã.
- refletir sobre as atitudes pessoais em relação à masculinidade, feminilidade e igualdade humana à luz da vontade de Deus, mostradas no ensinamento e ministério de Jesus Cristo, e para compreender as diferentes maneiras pelas quais elas podem ser expressas.

Resultados Esperados

Aquelas/es que ensinam em ambientes acadêmicos ou locais específicos vão querer desenvolver expectativas específicas ou requisitos por terem concluído um programa de estudo com sucesso, além de estabelecer critérios para a avaliação do trabalho de um participante. Exigências ou requisitos gerais comuns podem incluir:

- participação ativa no programa de estudo;
- contribuição ativa para pequenos grupos e sessões plenárias;
- reflexão bíblica e teológica sobre o conteúdo do programa de estudo;
- desenvolvimento de ferramentas ou recursos pastorais tangíveis para uso no contexto da/o própria/o estudante, incluindo materiais de estudo da Bíblia;
- evidência de compreensão e desenvolvimento de habilidades, conforme estabelecido nos Objetivos de Aprendizagem;
- movimento da fé para a ação.

Seção 1: Criando um ambiente de aprendizado

Objetivos

- Aprender como criar um espaço seguro.
- Reconhecer a importância do aprendizado individual e do diálogo respeitoso na comunidade
- Valorizar o contexto e a cultura locais.

Então disse Deus: “Não se aproxime! Remova as sandálias de seus pés, pois o lugar em que você está é terra santa”.

Êxodo 3.5

Criando um Lugar Seguro

Estabelecer um espaço seguro dentro do ambiente de aprendizagem é uma alta prioridade, especialmente quando os relacionamentos entre mulheres e homens, meninas e meninos são tanto o conteúdo quanto o contexto.

Se Deus pediu a Moisés que tirasse as sandálias enquanto estava em solo sagrado, também somos encorajadas/os a "tirar nossos sapatos" quando nos aproximamos do espaço sagrado de outra pessoa, especialmente quando falamos com sobreviventes de violência doméstica ou estupro, pessoas com HIV/AIDS e outras que precisam saber que estão seguras.

O respeito e disposição para ouvir e entender umas/uns às/aos outras/os são essenciais em todas as tentativas de criar um espaço seguro e sagrado. A abertura radical, a humildade e a aceitação permitirão que cada pessoa se sinta confiante o suficiente para revelar sua alma a Deus ou a um ouvinte.

A marginalização, por um longo período, torna as mulheres vulneráveis e com medo de falar. Paciência e respeito são necessários caso um ouvinte esteja comprometido em aprender a partir da perspectiva daqueles que são ou foram marginalizados.

Há um risco em incentivar um diálogo respeitoso. Se o espaço for maculado ou quebrado pela impaciência, desconfiança ou atitude condescendente ou de julgamento de uma só pessoa, então aquelas/es que foram silenciadas/os no passado serão ainda mais silenciadas/os.

A segurança de todas as pessoas que participam deve ser sempre a principal prioridade. Em alguns contextos isso pode significar que mulheres e homens, pelo menos por algum tempo, deveriam ter fóruns de estudo e discussão separados para que, especialmente para as mulheres, a segurança seja mantida. Em todo mundo, nos círculos da igreja, há exemplos onde as mulheres foram severamente repreendidas por seus maridos por falarem em fórum público, especialmente se elas diziam algo que eles não concordassem. Portanto, é vital estar ciente da

dinâmica de poder entre homens e mulheres quando se considera a criação de um espaço seguro para o diálogo e a aprendizagem.

Ao criar um ambiente de aprendizagem seguro, os professores também precisam estar cientes da dinâmica de poder que existe entre professor e estudantes. É útil nomear e esclarecer os vários papéis e relacionamentos que existem na sala.

As relações de poder existem na maioria das comunidades e, portanto, para possibilitar um diálogo respeitoso, é preciso haver um entendimento negociado de confidencialidade - do que pode e não pode ser compartilhado além do processo de grupo. Isso pode exigir que o grupo apresente suas próprias regras e expectativas um do outro e uma lista de verificação de como o respeito é exercido.

As informações compartilhadas podem afetar negativamente um membro ou membros do grupo, por exemplo, evocando memórias dolorosas. Isso terá implicações relacionais e pastorais e, portanto, é útil considerar essa possibilidade antecipadamente e planejar o acompanhamento quando necessário, talvez nomeando uma/um capelã/ão para o grupo.

Para que as pessoas se envolvam totalmente, cada uma precisa ter clareza sobre as intenções e os resultados desejados do ambiente de aprendizagem. Esta é a responsabilidade das pessoas que facilitam o processo ou da professora/professor, mas, novamente, essas pessoas podem fazer parte do processo inicial de formação de grupo - onde o grupo, como coletivo, estabelece as regras de engajamento e as intenções da sessão. Quando as/os participantes sabem o que se espera delas/es e "se apropriam" do ambiente de aprendizado, há um senso mais profundo de segurança e maior comprometimento.

A importância do aprendizado individual e do diálogo respeitoso na comunidade

Organizar e estabelecer um ambiente de aprendizagem seguro, que seja respeitoso para todos as/os participantes, leva em conta as diferenças individuais, incluindo gênero, cultura, idade, status social, educação, etc. Tal ambiente é vital ao discutir todas as questões, mas especialmente questões relacionadas com vieses e violência baseados no gênero. "Ser respeitoso" significa valorizar a humanidade da outra pessoa em vez da personalidade e honrar as outras pessoas, independentemente do que elas acreditam ou fazem, ou como parecem, ou onde moram. Ao discutir o gênero, e mais especificamente a dinâmica de poder entre mulheres e homens, meninas e meninos, a conversa respeitosa torna-se essencial.

Na maioria das comunidades ou grupos, as experiências masculinas ainda são consideradas a "norma" para toda a humanidade. Isto é uma distorção, particularmente em nossas igrejas, onde, em média, as mulheres representam mais da metade dos membros. Quando suas vozes não são ouvidas e suas contribuições não são valorizadas ou levadas a sério, a igreja é empobrecida e as mulheres são desmoralizadas. Todas as perspectivas têm valor e devem ser ouvidas e respeitadas.

Uma compreensão das diversas preferências de aprendizagem ajudará a possibilitar um ambiente de aprendizado onde diferentes perspectivas sejam adotadas positivamente. Os indivíduos e os grupos culturais possuem diferentes estilos de aprendizagem, portanto, é importante adotar uma variedade de ferramentas e métodos de ensino. Por exemplo, alguns indivíduos apreciarão uma abordagem tipo palestra, mas muitos preferirão aprender envolvendo-se em discussões dentro de um ambiente de grupo. Alguns poderão desfrutar de material de leitura fornecido antes da sessão de ensino, enquanto outros aprenderão mais facilmente com a visualização de material de vídeo ou conversas individuais para aprofundar o assunto. As ferramentas, como apresentações em PowerPoint e folhetos; estudos de caso; oportunidades de dramatizar histórias e cantar suas canções; permitem a construção informal de grupos, tudo isso faz parte do que poderia ser considerado ao definir o cenário para o aprendizado que é intencional sobre todas as pessoas participantes se envolverem totalmente.

A abertura para ouvir as histórias de todo mundo é um componente muito importante do processo de ensino e aprendizagem. Ouvir é uma atividade sistemática e desigual e depende do gênero, e isso precisa ser reconhecido e superado.

Ouvir envolve não apenas ouvir a palavra falada, mas envolver aquelas/es que são/foram silenciadas/os, incluindo onde os sentimentos e memórias são evocados entre aquelas/es no grupo que sofreram violência e abuso de gênero. As pessoas podem ser incentivadas a se expressar usando diversas formas de comunicação, como arte, poesia, drama, música, etc.

Valorização do contexto e da cultura locais

O papel da pessoa que conta histórias nunca é objetivo, pois o que é dito será colorido e imaginado em palavras (e símbolos) que refletem a história interna e externa do narrador.

Rosemary Russell, da "The journey is hope: one pakeha woman's exploration of a theology of liberation". Auckland: The Women's Resource Centre, 1997

Além de criar um espaço seguro, é importante levar o contexto local e a cultura das/os estudantes ou contadoras/es de histórias a sério. O contexto local pode ser interpretado como e onde uma pessoa vive e se envolve em sua história, em seu tempo, com suas pessoas e o ambiente; em outras palavras, em seu lugar. Trata-se de nomear e possuir identidade, que geralmente é feita com referência dentro de um ambiente cultural local e não global. Portanto, o contexto local é o espaço mais eficaz para abordar apenas os relacionamentos. Muitas vezes, outras nações ou povos dizem ao povo local o que devem pensar e fazer. Os relacionamentos são transformados através de pessoas que se comunicam profundamente uns com os outros, em vez de serem criticados ou julgados por outros grupos ou culturas.

O imperativo bíblico é que a justiça de Deus inclui todas as pessoas; “...não existe mais escravo ou livre, não há mais homem e mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gálatas 3.28).

Levar em conta o contexto e a cultura locais, juntamente com o imperativo bíblico de relações seguras e justas para mulheres e homens, meninas e meninos, levanta uma dicotomia interessante. Por um lado, há papéis de gênero que podem ser encorajados e celebrados. Por outro lado, existem papéis de gênero que precisam ser desafiados. Esta não é uma tarefa fácil, especialmente em áreas onde alguns papéis de gênero são prejudiciais ou escravizantes e, portanto, surge a necessidade de desconstruir alguns deles. Mesmo que esses papéis tenham existido e tenham sido aceitos como normais por muitos anos em um contexto ou cultura específicos, eles precisam ser desafiados por meio da educação e do compartilhamento, para que os papéis expressem equidade e sejam justos e promovam a vida.

Toda cultura e contexto têm trabalho a fazer em relação aos papéis de gênero, portanto, nenhuma cultura e contexto podem se oferecer como superiores quando se trata de trabalhar relacionamentos justos. Em um ambiente global da igreja, há uma tentação de dizer uns aos outros o que fazer entre as nações e províncias. Certamente, há valor no compartilhamento de recursos e na narração de histórias entre culturas. A transformação acontece quando cada grupo cultural recebe os recursos e o poder para criar lugares e espaços para um diálogo respeitoso à sua maneira, além de usar seus próprios símbolos, linguagem e análise contextual.

O dom conectivo e potencialmente libertador que temos em comum em toda a Comunhão Anglicana é a Bíblia. A leitura e a interpretação das escrituras é uma jornada contínua. Oferecer diversos recursos sobre como interpretar textos, particularmente no que diz respeito aos papéis e status de mulheres e homens, meninas e meninos na igreja e na sociedade em geral, ajudará no aprendizado e no diálogo respeitoso.

Estes materiais de estudo são elaborados para oferecer a cada contexto e cultura uma ferramenta para contribuir para a organização de espaços seguros para discussão de assuntos delicados, sobre as relações entre mulheres e homens. Isso deve ser feito ao lado da hermenêutica bíblica, mas, para ser transformadora, ela precisa estar no lugar certo, na hora certa e levando em conta a cultura e o contexto.

Questões para Discussão

1. Como você criaria um ambiente de aprendizado seguro para se envolver em histórias bíblicas de abuso, exploração e violência contra as mulheres, como a história de Tamar em 2 Samuel 13.1-22?
2. Em seu contexto, qual tem sido sua experiência de conversas sobre justiça de gênero? Como isso pode ser mudado?
3. Como a cultura afeta as discussões sobre relações de poder desiguais?

Seção 2: Estratégias de Aprendizado

Objetivos:

- Compreender a importância da aprendizagem como um processo.
- Participar do ciclo triplo: 1) análise do contexto, 2) releitura da Bíblia e tradição teológica para avaliar o contexto e 3) ação para transformar o contexto.

Então começando com Moisés e todos os profetas, Jesus interpretou para eles as coisas sobre si mesmo em todas as escrituras.

Lucas 24.27

O termo "educação" deriva do latim "ex-ducere", que significa "educar", "doutrinar" e "nutrir". A/O estudante - e todas/os nós somos aprendizes - deve ser "educada/o", criada/o como uma planta no jardim pela/o educadora/or. O/A estudante já incorpora potencialidades e capacidades que devem ser desenvolvidas com cuidado e nutrição adequados. Embora todo estudante seja importante, os processos de aprendizado que são o foco desta seção enfatizam o aprendizado colaborativo e corporativo. O processo de aprendizagem é uma jornada em conjunto, onde todas as pessoas têm algo para contribuir e receber, a fim de construir a comunidade justa de mulheres e homens.

As estratégias de aprendizagem delineadas aqui têm o objetivo de contribuir para o processo de igualdade e equidade em relação às relações de poder e à transformação social. Deus nos chama a agir (pensar, falar e se comportar) em uma jornada vivificante: "Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da escravidão" (Êxodo 20.2), "deseja que todas as pessoas sejam salvas e cheguem ao conhecimento da verdade" (1 Timóteo 2.4).

Essas estratégias de aprendizado precisarão ser contextualizadas e adaptadas em diferentes regiões e realidades das igrejas. Assim, é vital ouvir umas/uns às/aos outras/os e ouvir os sinais dos tempos em nossos próprios contextos. O diálogo é essencial para o aprendizado, tanto dialogando entre nós, como com nossos contextos particulares.

Existem três componentes para este processo pedagógico: analisar os sinais dos tempos em nosso contexto particular; reler as escrituras comunitariamente dentro dessas realidades contextuais a fim de discernir a perspectiva de Deus em nossas realidades; e, então, responder com alguma ação, trabalhando com Deus para trazer a vontade de Deus em nosso contexto, "na terra como no céu" (Mateus 6.10).

Este processo pedagógico é extraído do Evangelho de Lucas (Lucas 24.13-35). Este relato narrativo da jornada dos discípulos para Emaús e depois para Jerusalém é moldado pela pedagogia de Jesus. Esse tríplice processo é uma pedagogia espiritual apropriada ao trabalho de transformar as relações de

gênero, atraindo os valores e modos da vida cristã e o testemunho público na igreja primitiva.

O processo pedagógico em três etapas é uma maneira útil de estruturar ou moldar nossa aprendizagem. O processo começa com a análise de nossos contextos de gênero. Uma análise aprofundada do contexto é o primeiro componente do processo pedagógico, envolvendo um reconhecimento e uma análise de nossas realidades vividas. Nesse caso, qual é a realidade vivida do gênero em nossos contextos? Este primeiro componente do processo pedagógico requer uma análise cuidadosa e crítica do mundo particular em que vivemos. Analisar nosso contexto é um exercício de grupo, envolvendo aquelas/es que compartilham essa realidade e que juntas/os analisam essa realidade, com ênfase particular na experiência dos setores mais marginalizados dentro dessa realidade.

O segundo componente desse processo pedagógico requer uma releitura das escrituras, pois juntas/os discernimos o que Deus pretende para nossa realidade vivida. A realidade vivida está em conformidade com o reinado de Deus?¹⁸ "Na terra como no céu" (Mateus 6,10)? Jesus deixa claro que a vontade de Deus deve ser feita na terra por aqueles que são sua família ou parente: "Quem é minha mãe e meus irmãos?" E olhando para aqueles que estavam sentados ao redor dele, ele disse: "Aqui está minha mãe e meus irmãos! Quem faz a vontade de Deus é meu irmão, irmã e mãe" (Marcos 3.33-35). Todos os parentes de Jesus, inclusive as mulheres, têm vida e a têm em abundância (João 10.10)? Se não, então, o processo pedagógico muda para a terceira fase do processo pedagógico.

O terceiro componente do processo pedagógico requer ação colaborativa para transformação e mudança. Se a realidade vivida não coincide com a visão de Deus para o reino de Deus na terra, então devemos agir com Deus para mudar a realidade vivida. Se ainda não existe justiça de gênero para todas as pessoas, então devemos trabalhar com Deus, guiados pelas escrituras, por relacionamentos justos entre mulheres e homens, meninas e meninos.

Quando tivermos agido para mudar a realidade vivida, devemos continuar com o ciclo, refletindo novamente sobre nossa ação, a transformação produzida e o que mais precisa ser feito. O processo pedagógico triplo recomeça. De fato, esse tríplice processo pedagógico é uma forma de disciplina espiritual, um modo de vida para a pessoa de fé. Alguns podem estar familiarizados com os termos ver-julgar-agir para este processo triplo. O processo também pode ser resumido como "receber", "fazer um balanço" e "agir". Os termos que usamos não são importantes; o que é importante é o processo de aprendizagem que leva em conta esses três aspectos em conjunto e inseparáveis.

Esse processo pedagógico fornece a forma geral para nosso aprendizado e transformação. Mas o próprio processo de aprendizagem requer o reconhecimento da importância e da prática da "facilitação". A facilitação é composta pelos processos que permitem que cada participante se sinta seguro e tenha a oportunidade de participar plenamente. A facilitação é especificamente

¹⁸ O termo 'kin-dom of God' reconhece que Jesus está construindo uma comunidade humana do povo de Deus. O termo 'kingdom of God' é um termo subversivo no mundo bíblico do império, pois desafia a noção de que o imperador é 'Rei'. O uso do termo 'kin-dom' é um lembrete de que Deus estabeleceu cristãos como "uma raça/povo/parente escolhido" (1 Pedro 2.9).

atenta ao “processo de grupo”, o conjunto de habilidades e recursos que permite que cada pessoa participe totalmente do aprendizado e da transformação em grupo.

Outro componente importante de um ambiente de aprendizado participativo e formador é a "infraestrutura da fé". A fé é um elemento vital de todo aprendizado e transformação cristã. À medida que trabalhamos juntas/os para relacionamentos de gênero justos, devemos trabalhar dentro da liturgia de fé plena, seja formal ou informal, incluindo cantos, orações e outros rituais cheios de fé.

O diálogo é a virtude vital que une esse processo pedagógico, a facilitação e a infraestrutura da fé. O diálogo é um envolvimento profundo entre si e com o contexto. O diálogo é mais do que uma conversa educada ou uma técnica de participação. O diálogo é uma prática transformadora, que modifica nossos relacionamentos e nossos contextos. A narrativa de Lucas sobre a jornada dos discípulos para Emaús e Jerusalém é uma maravilhosa exposição do tríplice processo pedagógico, da facilitação e da infraestrutura da fé.

Análise de Contexto

Agora, naquele mesmo dia, dois deles iam a uma aldeia chamada Emaús, a cerca de onze quilômetros de Jerusalém, e conversavam sobre todas essas coisas que haviam acontecido.

Lucas 24.13-14

Através do diálogo e de uma jornada compartilhada, os discípulos começam com seu contexto. Eles dialogam com o contexto e entre si, analisando juntos os sinais dos tempos. Da mesma forma, o processo de aprendizagem de gênero começa caminhando juntas/os e compartilhando histórias, incluindo o pessoal, comunitário, político, eclesial e espiritual.

Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus chegou perto e foi com eles, mas seus olhos foram impedidos de reconhecê-lo.

Lucas 24.15-16

A análise contextual e o diálogo colaborativo de fé plena são assumidos por Cristo. Jesus vem para junto daquelas/es que estão envolvidas/os em analisar seu contexto. Uma jornada comum se torna uma jornada sagrada; o diálogo comum torna-se um diálogo sagrado. A teologia é sempre contextualmente incorporada; a teologia é sempre dialógica.

E ele lhes disse: "O que vocês estão discutindo uns com os outros enquanto vocês caminham?" Eles ficaram parados, parecendo tristes. Então um deles, cujo nome era Cleofas, respondeu: "Você é o único estranho em Jerusalém que não conhece as coisas que aconteceram nesses dias?" Ele lhes perguntou: "Que coisas?" Eles responderam: "As coisas sobre Jesus de

Nazaré, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo, e como nossos principais sacerdotes e líderes o entregaram para serem condenados à morte e crucificados. Mas esperávamos que ele fosse o único a redimir Israel. Sim, e além de tudo isso, agora é o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram. Além disso, algumas mulheres do nosso grupo nos surpreenderam. Elas estavam no túmulo esta manhã cedo, e quando não encontraram o corpo dele lá, voltaram e nos disseram que tinham realmente visto uma visão de anjos que diziam que ele estava vivo. Alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro e o encontraram exatamente como as mulheres haviam dito; mas eles não o viram”.

Lucas 24.17-24

Jesus se adequa ao ritmo dos discípulos, faz perguntas e ouve. Jesus demonstra o que é necessário para analisar nossos contextos. Jesus começa com o local onde os discípulos estão, com o entendimento da realidade deles, mas depois prossegue para investigar e aprofundar a análise através de um diálogo facilitado.

Releitura das Escrituras para discernir sobre a perspectiva de Deus

Então ele lhes disse: “Oh! Quão insensato és, e quão lento de coração crer tudo o que os profetas declararam! Não era necessário que o Messias sofresse essas coisas e entrasse em sua glória?” Então começando com Moisés e todos os profetas, ele interpretou para eles as coisas sobre si mesmo em todas as escrituras.

Lucas 24.25-27

O diálogo não é simplesmente uma conversa educada. O diálogo pode ser conflituoso, embora respeitoso. Jesus volta a visitar as escrituras com os discípulos. A igreja é frequentemente complacente em sua compreensão das escrituras. Este é certamente o caso em relação ao gênero. Aprendemos com Jesus que é necessário reler as escrituras para que nós e nossos contextos sejam transformados. As Escrituras e sua interpretação são recursos vitais à medida que discernimos a perspectiva de Deus sobre os relacionamentos justos entre mulheres e homens, meninas e meninos. Jesus traz a realidade vivida dos discípulos para o diálogo com a voz profética das escrituras, transformando a sua compreensão das escrituras e assim de si e do seu contexto. A jornada dos discípulos torna-se uma jornada de transformação por meio de uma releitura das escrituras: "Ser transformado pela renovação de suas mentes, para que possamos discernir qual é a vontade de Deus - o que é bom, aceitável e perfeito" (Romanos 12.2).

Ação Fiel

Ao se aproximarem da aldeia para onde iam, ele seguiu em frente como se estivesse continuando sua jornada sozinho. Mas eles insistiram com ele, dizendo: "Fica conosco, porque é quase noite e o dia está quase no fim". Então ele entrou para ficar com eles. Quando ele estava à mesa com eles,

ele tomou pão, abençoou e quebrou, e deu a eles. Então seus olhos foram abertos e eles o reconheceram; e ele desapareceu da vista deles. Eles disseram uns para os outros: “Não estavam nossos corações queimando dentro de nós enquanto ele estava falando conosco na estrada, enquanto ele estava abrindo as escrituras para nós?” Naquela mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém; e eles encontraram os onze e seus companheiros reunidos. Eles diziam: “O Senhor ressuscitou, e ele apareceu para Simão!” Então eles contaram o que havia acontecido na estrada e como ele tinha sido dado a conhecer a eles no partir do pão.

Lucas 24.28-35

Fazer teologia leva à ação. A análise social e a releitura das escrituras mudaram os discípulos. Eles agem. Sua primeira ação é oferecer hospitalidade, aprofundando a oportunidade de análise, reflexão e diálogo. Jesus facilitou a releitura das escrituras. Jesus facilitou o diálogo colaborativo em profundidade. Os discípulos respondem oferecendo hospitalidade. Eles foram transformados fazendo teologia dessa maneira. A análise colaborativa do contexto e o diálogo facilitado os transformaram.

Mas a transformação é incompleta sem a infraestrutura da fé. É somente na mesa eucarística (compartilhar do pão) que eles compreendem completamente. É claro que a refeição que eles compartilham com Jesus é uma refeição comum, um ato de hospitalidade. Mas também é sacramental, fornecendo outro recurso para transformação e, em seguida, ação. O uso da "razão", uma virtude anglicana, não é suficiente por si só. A formação requer recursos intelectuais e sacramentais. A partilha inclusiva de uma refeição torna-se um local de recursos adicionais para transformação e ação. A primeira ação dos discípulos é oferecer hospitalidade. A segunda, é retornar a Jerusalém com um novo mandato bíblico para assumir a obra de Jesus, para construir uma comunidade resiliente, comprometida e missionária.

O tríplice processo pedagógico de "absorver", "fazer um balanço" e "agir", experimentado pelos discípulos, é retomado e compartilhado dentro desse programa de estudo sobre as relações justas de gênero entre mulheres e homens, meninas e meninos. Há aqui um recurso para uma cuidadosa análise dos contextos de gênero, para uma releitura profética das reflexões escriturísticas sobre gênero e para a ação plena da fé de participar da obra de justiça de Deus.

Questões para Discussão:

1. Como os passos ou processos que discernimos da história de Emaús oferecem recursos para fazer análise de gênero e engajar-se em ação transformacional?
2. Que outras estratégias ou métodos podem ser usados para confrontar a injustiça de gênero na vida e na missão?
3. Como essas estratégias de aprendizado fornecem formas redentoras de trabalhar pela justiça de gênero dentro da missão da igreja?

Seção 3: O que é gênero?

Objetivos

- Reconhecer que gênero é uma parte universal de todo ser humano;
- Demonstrar através das escrituras que gênero é um aspecto de nossa humanidade comum e que as diferenças de gênero são importantes, mas não determinam nossa dignidade humana;
- Enfatizar que gênero, como atributo humano, é entendido e vivido diferentemente em várias culturas, e que, ao nos envolvermos uns com os outros, participamos da formação de expectativas e normas culturais que envolvem a maneira como o gênero é expresso;
Reconhecer que a própria Bíblia oferece diferentes entendimentos de relações de gênero e lida com a forma de pensar teologicamente sobre gênero em diferentes contextos.

Então Deus disse: "Façamos a humanidade à nossa imagem, de acordo com a nossa semelhança; e que dominem os peixes do mar, e as aves do céu, e os bois e todos os animais selvagens da terra, e todo arrematante que se arrasta sobre a terra. Então Deus criou a humanidade à sua imagem, à imagem de Deus ele os criou; homem e mulher, ele os criou.

Gênesis 1.26-27

Uma criança nasce no mundo. Imediatamente, as pessoas querem saber se é um menino ou uma menina. Muitas vezes, é assim que as pessoas tendem a pensar e categorizar umas às outras, comparando as maneiras pelas quais elas diferem. Pensar sobre gênero além dessa simples pergunta pode ser muito difícil e pode significar muitas coisas, especialmente em uma variedade de culturas e idiomas.

O gênero envolve a diferença sexual, mas também afeta a forma como interagimos umas com as outras como pessoas em assuntos que têm pouco a ver com a sexualidade no decorrer de nossas vidas diárias. Novos bebês podem ganhar nomes, serem vestidos ou enrolados, falarem de maneiras diferentes. Eventualmente, eles aprenderão sobre as expectativas e normas culturais que cercam seu status como uma menina ou menino e como elas afetarão as maneiras pelas quais elas/es vivem ou agem no mundo. O gênero, então, é tanto biológico quanto cultural.

Por causa das vastas diferenças culturais que afetam a maneira como o gênero é expresso e vivido, as histórias da criação bíblica oferecem um terreno comum para iniciar uma discussão sobre o que gênero significa. No primeiro capítulo de Gênesis, Deus primeiro cria a humanidade. Para ser criado à semelhança de Deus, as pessoas são primeiramente criadas na bondade de Deus como total e igualmente humanas. O gênero é uma parte importante que influencia quem as pessoas se tornam e como vivem no mundo, mas não determina sua dignidade humana ou bondade. Como muitos outros aspectos ou características que

permitem às pessoas diferirem umas das outras, o gênero é um traço que determina o papel de uma pessoa em questões de procriação e gestação. Outras diferenças variam de acordo com a cultura ou a sociedade, como as maneiras pelas quais a sexualidade pode ser expressa. Embora a procriação implique em certa forma de expressão sexual, a intimidade sexual pode assumir várias formas.

Todo mundo tem algum tipo de gênero, assim como todo mundo é totalmente humano e criado à imagem de Deus. Embora o primeiro capítulo de Gênesis se concentre nas duas condições primárias do gênero, sendo masculino e feminino, as palavras não indicam nenhuma delas ou, masculino ou feminino, o que bíblicamente deixa espaço para outras condições serem possíveis. O uso do plural para descrever Deus criando a humanidade em "nossa imagem", sugere a plenitude de Deus além do gênero específico ou outras características. De fato, a palavra hebraica Elohim, usada para descrever Deus em Gênesis 1, vem de uma antiga palavra que representa um plural ou uma multiplicidade em um. Diferenças de gênero que poderiam ser expressas através da sexualidade eram compreendidas dentro da totalidade ou da plenitude de Deus. Na segunda história da criação (Gênesis 2), a palavra hebraica ha-adam se refere ao primeiro humano. Somente após a criação de um parceiro eles se tornam diferenciados como masculinos e femininos, e apesar de suas diferenças como parceiros, eles são lembrados de que eles devem ser uma só carne (v.24), representando unidade e igualdade da humanidade.

Historicamente e em todo o mundo hoje em dia, algumas culturas entenderam o gênero como tendo mais de duas condições, masculinas ou femininas. Normalmente, um bebê ao nascer é atribuído um status de gênero, feminino ou masculino. Isso geralmente é feito pela inspeção física dos órgãos genitais, embora às vezes não seja fácil esclarecer e uma avaliação possa ser feita sem precisão. Biologicamente, pode haver diferenças fisiológicas, cromossômicas e hormonais ocasionais que não se ajustam com precisão a uma simples atribuição de gênero entre homens e mulheres. Às vezes uma pessoa pode nascer com aspectos biológicos masculinos e femininos e, ocasionalmente, com nenhum dos dois. Em algumas culturas indígenas, aqueles que não se encaixam bem com um status masculino ou feminino atribuído foram entendidos como ambiciosos e receberam um status distinto ou separado. Às vezes, aqueles que variam têm desempenhado papéis distintos como curandeiros poderosos, líderes espirituais, fontes de sabedoria ou outro status especial e valorizado. Outras vezes, em algumas culturas, bebês nascidos sem uma clara atribuição de gênero como homem ou mulher foram mortos ou tratados com severidade. Em outras situações, as pessoas foram estigmatizadas porque seu gênero não se encaixa facilmente nas categorias ou papéis que uma cultura desenvolveu para como as pessoas devem viver e se relacionar umas com as outras.

Ocasionalmente, quando fica claro que um status de gênero atribuído não se encaixa claramente em uma criança ou adulto, ele pode ser alterado. Às vezes isso é feito fisiologicamente, embora haja outras maneiras de lidar com isso, social e culturalmente. Por exemplo, em um contexto, uma jovem do sexo feminino recebe o nome de um estimado parente que morreu porque ela mostra alguns dons espirituais que ele já teve. Portanto, ela é autorizada a assumir papéis de gênero ou atividades abertas apenas aos homens em sua cultura, como o ensino superior e o ministério. Em outros contextos, as mulheres ou os homens simplesmente

viveram socialmente como outro gênero, seja aberta ou secretamente. Em outros contextos, os rapazes ou homens especialmente interessados e adeptos do cuidado, da culinária ou do trabalho associados aos papéis das mulheres, foram capazes de assumir essas atividades e funções. Mais tipicamente hoje, há uma grande sobreposição nos tipos de trabalho e atividades que homens e mulheres realizam. No entanto, eles ainda precisam negociar a floresta das expectativas e normas de gênero que afetam a maneira como os outros as pensam ou tratam com base em seu gênero e não em sua humanidade comum e compartilhada.

Um dos aspectos mais desafiadores do gênero envolve aqueles que podem se encaixar nos entendimentos comuns de gênero masculino ou feminino, mas não em questões de intimidade emocional e sexual ou procriação. Isso faz parte da variedade e diferenças do gênero humano, assim como aqueles que podem ser heterossexuais, mas não são fisicamente capazes de procriar. As culturas abordaram essas formas de diferença de gênero de maneiras variadas, às vezes tratando essas pessoas como parte de uma família extensa de tios, tias ou outras mães que participam do cuidado e da criação de filhos que não são biologicamente seus. Em outras situações, tais variações têm severamente estigmatizado pessoas e sua humanidade fundamental, incluindo tratamento como párias, prisão ou morte.

Dentro do cristianismo, assim como em diferentes religiões, as pessoas de fé têm profundas crenças em torno de questões de gênero e sexualidade, particularmente a homossexualidade. No entanto, estes também devem ser discutidos e tratados no contexto de uma humanidade fundamental que toda pessoa tenha sido concedida.

Gênero no dia-a-dia

À medida que a família e os amigos ficam sabendo sobre o sexo de um novo bebê, eles podem trazer presentes para os novos pais ou oferecer um elogio à linda menina ou a um menino bonito. Eles podem ter expectativas sobre o que essa criança vai ser quando crescer, como a ocupação, a quantidade ou o tipo de renda que podem ganhar, ou se cuidarão de seus pais quando estiverem idosos. Tais expectativas afetam como as outras pessoas se comunicam com o bebê e, com o tempo, como esse bebê passará a se entender. Essas expectativas que cercam o gênero e como elas são representadas são como as pessoas na vida cotidiana praticam ou constroem os aspectos culturais e sociais do gênero.

Às vezes, as pessoas não sabem como elas constroem ou fazem o gênero. Por exemplo, um professor colocou fotos de vários objetos em uma mesa, como um caminhão, um batom, um pedaço de tecido rosa, instrumentos de barbear e muitos outros itens. As/Os estudantes foram convidadas/os a escolher as imagens que gostaram. Elas/es então falaram sobre o porquê os selecionaram.

Alguns admitiram que evitavam certas imagens porque representavam um objeto associado a um papel de gênero masculino ou feminino com o qual não se identificavam nem se associavam. Alguns discutiram como gostaram de um item, embora o tenham associado a expectativas de um gênero diferente, incluindo as tensões que isso poderia criar. Durante a discussão, ambos estavam construindo e

criticando os aspectos sociais do gênero e ocasionalmente desafiando ou alterando essas expectativas. Isso trouxe uma nova consciência de como as expectativas de gênero afetam e moldam muitos aspectos cotidianos de suas vidas, e como eles participam desse processo pelas escolhas ou decisões que tomam.

As maneiras pelas quais as pessoas praticam o gênero ou reforçam as expectativas ou os tabus um do outro variam não apenas pela cultura, mas também pela história. Por exemplo, muitas práticas e expectativas de gênero diferem marcadamente no Antigo Testamento. Além disso, as mulheres frequentemente tinham papéis ativos nas primeiras igrejas cristãs, incluindo a liderança. No entanto, muitos desses papéis mais tarde se tornaram fechados para elas. Hoje, as mulheres voltaram a ter papéis mais relevantes na vida da igreja. No entanto, seu status de gênero muitas vezes se torna mais um ponto de controvérsia ou conflito do que suas capacidades ou habilidades humanas para realizar o trabalho envolvido. Quando isso ocorre, ilustra como as diferenças sociais que cercam as expectativas de gênero podem interferir na valorização e no respeito pelas habilidades humanas básicas que independem do status de gênero.

Em suma, a maneira como as pessoas se tratam de maneira diferente, devido ao gênero, não apenas variou com o tempo, mas ainda está evoluindo à medida que questionam, desafiam ou reconstróem as expectativas de gênero e os limites que elas impuseram umas às outras, incluindo injustiça ou dano que eles criaram.

Embora haja uma extensa conversa sobre gênero em nosso mundo hoje, a igreja se esforça para se engajar nessa discussão.

Conversas sobre Gênero, sob a perspectiva bíblica

Falar teologicamente sobre gênero é difícil em muitas de nossas culturas, então nos esforçamos para encontrar uma linguagem comum que nos permita ter os tipos de conversas que precisamos enquanto igreja.

A Bíblia é um recurso que podemos usar para tais conversas. A própria Bíblia nos oferece exemplos de diálogos de gênero. E a Bíblia oferece um lugar no qual nossas próprias conversas sobre gênero podem encontrar ressonância e recursos.

A Bíblia como fonte de discussão sobre gênero

A Bíblia incorpora conversas sobre gênero. Uma leitura cuidadosa das escrituras deixa claro que as comunidades de fé ao longo dos tempos têm lidado com questões de gênero. Um bom exemplo são as histórias de criação que encontramos em Gênesis.

Os capítulos 1 e 2 de Gênesis discutem o gênero.

O livro de Gênesis começa localizando duas histórias de criação diferentes lado a lado. A primeira história da criação (Gênesis 1.1-2.4a) enfatiza a igualdade entre "homem e mulher" (1.26). Não há indício aqui de qualquer hierarquia ou diferença. Tanto macho como fêmea são feitos "à imagem" e "à semelhança" de

Deus (1.26-27), ambos são responsáveis por "dominar" (1.26,28), ambos são "abençoados" (1.28), e ambos são responsáveis por serem "férteis" (1.28). Eles são totalmente iguais.

A segunda história da criação (Gênesis 2.4b-23) conta a história da criação de Deus da humanidade de forma diferente. Nesta história, Deus cria "homem" e "mulher" (2.23) de um único humano (2.21), o que parece indicar que eles são iguais. Mas há também indicações na forma como o "homem" nomeia a "mulher" (2.23) que o homem é um com mais autoridade.

No entanto, e quanto a 2.24? Não é isso que esperamos, que "um homem deixe seu pai e sua mãe". Isso não acontece em nenhum lugar da Bíblia e isso não acontece na maioria das nossas culturas. Na verdade, o que geralmente acontece é que a mulher deixa o pai e a mãe! Somos lembrados aqui de que pode haver situações em que o amor de duas pessoas possa interromper as normas tradicionais de gênero cultural.

Jó discute sobre gênero.

O livro de Jó discute gênero. Em Jó 2.9, a esposa de Jó participa de uma discussão teológica com ele. Embora inicialmente Jó a repreenda (2.10), ele chega a entender sua perspectiva teológica, pois ele começa a questionar Deus no capítulo 3 e nos capítulos seguintes. E no final da vida de Jó, ele trata seus filhos e filhas igualmente, rejeitando os costumes de seu tempo em que apenas filhos tinham direito à herança (42.15).

Além disso, quando Deus fala com Jó, Deus usa imagens masculinas e femininas para Si mesmo: "Tem a chuva um pai, ou quem gerou as gotas de orvalho? Do ventre de quem saiu o gelo e quem deu à luz a geadada do céu? (38.28-29; ver também 38.8).

Paulo discute sobre gênero.

Escrevendo aos Gálatas, Paulo faz uma afirmação radical: "Não há mais judeu ou grego, não há mais escravo ou livre, não há mais macho e fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (3.28)". No entanto, ao escrever aos Coríntios, o mesmo Paulo faz distinção entre macho e fêmea: "... as mulheres devem permanecer em silêncio nas igrejas. Porque não lhes é permitido falar, mas deve ser subordinado, como a lei também diz" (1Coríntios 14.34). Claramente, Paulo está lidando com questões de gênero.

1 Pedro discute sobre gênero.

1 Pedro compara o patriarcado à escravidão (3.1), encorajando tanto os escravos cristãos quanto as esposas cristãs a "aceitar" (2.18, 1.3.1) esses sistemas, embora sabendo que eles são "livres" em Cristo (2.16).

E Jesus discute sobre gênero.

Os evangelhos discutem sobre gênero. O evangelho de Mateus até introduz um terceiro gênero! Quando Jesus e seus discípulos estão discutindo o casamento, Jesus lhes pede que considerem os que são "eunucos" (19.12). Há homens, mulheres e eunucos. Jesus e seus discípulos estão conversando sobre gênero.

Marcos conta a bela história de Jesus dialogando e reconhecendo a dignidade de uma mulher mais velha e uma mulher mais jovem, tratando-as como sujeitos e não objetos (Marcos 5.21-42). Marcos conta essas duas histórias juntas, tecendo a história da filha de Jairo e da mulher que está sangrando. Essas histórias nos oferecem um maravilhoso exemplo de como podemos participar, com as escrituras, em conversas sobre gênero.

A Bíblia como fonte de estudo sobre gênero

O Estudo Bíblico Contextual é uma forma de estudo da Bíblia que nos convida a levar as preocupações de nossas realidades diárias à escritura para conversação. O Estudo Bíblico Contextual nos convida a ler as escrituras devagar e com cuidado, levando-nos a uma conversa com as escrituras sobre assuntos que achamos difícil falar na igreja. Aqui está um exemplo de um Estudo Bíblico Contextual sobre Marcos 5.21-42. Antes de fazer este Estudo Bíblico Contextual, leia a Seção 1 e a Seção 2 deste material de estudo.

1. Ouça uma leitura dramática de Marcos 5.21-43, convidando os participantes a serem: o narrador; Jairo; a mulher sangrando; Jesus; os discípulos; servos da casa de Jairo.
2. Em pequenos grupos de cinco a sete participantes, leia Marcos 5.21-43 novamente. Sobre o que é este texto bíblico?
3. Quem são as personagens desta história e o que sabemos sobre cada uma delas? Faça um desenho das relações entre esses personagens na história.
4. Marcos conecta essas duas mulheres, vendo semelhanças em seus encontros com Jesus. Ao reler a história cuidadosamente, podemos identificar uma série de semelhanças entre as duas mulheres. O que as duas personagens femininas têm em comum?
5. Marcos liga os dois homens, Jesus e Jairo, vendo semelhanças nas formas em que se relacionam com as mulheres. Como esses dois homens se relacionam com as mulheres?
6. Mais especificamente, em seu encontro com cada uma dessas mulheres, Jesus está desafiando os sistemas de gênero de seu tempo. Que sistemas de gênero Jesus está desafiando em seu encontro com cada mulher?
7. Quais são os sistemas de gênero que moldam a vida das mulheres em nossos contextos?
8. Como podemos nos unir a Jesus em nossos contextos trabalhando juntos por sistemas de gênero que incluem em vez de excluir mulheres?

Fazer um Estudo Bíblico Contextual como este, em um espaço seguro e sagrado, encoraja e permite a conversação de gênero. O estudo bíblico contextual é uma forma comunitária de interpretação bíblica. A facilitação cuidadosa é necessária

para criar um espaço seguro e sagrado e os tipos de processos de grupo que são necessários para que cada participante tenha a oportunidade de participar plenamente.

(Veja a [Seção 1](#) e [Seção 2](#) destes materiais de estudo.)

O Estudo Bíblico Contextual se une às conversas de gênero da Bíblia, reconhecendo que as comunidades de fé dentro da Bíblia estão lidando com muitas realidades de gênero semelhantes às que nós somos.

Questões para Discussão

1. Quais são os símbolos culturais ou imagens em sua comunidade que estão associadas à masculinidade ou feminilidade? Como esses símbolos ou imagens de gênero afetam você ou fazem você se sentir? Quais símbolos ou imagens são neutros, se houver?
2. Como as expectativas e práticas cotidianas de gênero diferem daquelas em sua tradição familiar ou sociedade de uma geração atrás? Um século atrás? De que maneira essas mudanças afetaram a maneira como as pessoas vivem, suas oportunidades ou as escolhas que fazem?
3. Em vários tempos e culturas históricas, o status de gênero de uma pessoa e como sua humanidade é entendida estavam intimamente ligados, como uma mulher sendo vista como menos humana do que um homem. Como isso afeta as maneiras pelas quais tratamos os outros que diferem de nós mesmos? Como pessoas cristãs, por que respeitar a humanidade plena dos outros apesar de nossas diferenças é importante?
4. Onde mais na Bíblia há bons exemplos de conversa sobre gênero, considerando seu contexto local?

Seção 4: Desigualdade de Gênero através das culturas

Objetivos

- Explorar formas variadas em que as desigualdades de gênero surgem em diferentes culturas e sociedades que afetam as oportunidades e limitações das pessoas.
- Considerar as diferenças entre desigualdade e desigualdade de gênero e a importância da equidade na abordagem da injustiça de gênero.
- Descobrir as diferentes maneiras pelas quais os padrões sistêmicos de desigualdades de gênero ocorrem em contextos culturais e identificar maneiras pelas quais eles podem ser modificados.

Não há mais judeu ou grego, não há mais escravo ou livre, não há mais macho e fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.

Gálatas 3.28

O gênero pode ser um dom precioso para ajudar a expressar as diferenças humanas. Mas quando esse dom se corrompe de tal maneira que as diferenças levam a que algumas pessoas sejam mais valorizadas ou outras marginalizadas e excluídas, prejudica a capacidade de uma comunidade ou sociedade a fazer o uso mais pleno dos muitos dons e habilidades em seu meio. Também obstrui o cumprimento da missão de Deus no mundo. Continuamente, Jesus ensinou sobre a necessidade de que as pessoas que o seguiam se tratarem umas às outras como elas o tratariam (Mateus 25.31-46). Paulo, na igreja primitiva, enfatizou que o status de uma pessoa - envolvendo etnia, poder e servidão, ou gênero - não os tornava maiores ou menores em Cristo (Gálatas 3.28). Todas as diferenças que as pessoas usam para se posicionarem acima umas das outras são vistas como iguais umas às outras aos olhos de Deus.

Poucas sociedades viveram a igualdade de gênero, embora as mulheres tivessem maior status e respeito em algumas culturas do que em outras. Os antropólogos têm apontado que nas sociedades tribais ou de clãs, onde a subsistência depende ou da caça e coleta ou principalmente da horticultura, as diferenças de gênero não foram valorizadas ou subvalorizadas de maneiras que criassem desigualdades significativas. Isso ocorre principalmente porque as mulheres podem se encaixar mais facilmente nessas atividades econômicas combinando com a maternidade e a amamentação. Também nessas economias de subsistência o trabalho de todas as pessoas é necessário para a sobrevivência.

À medida que as sociedades prosperam e suas principais atividades econômicas envolvem o acúmulo de riquezas, como o pastoreio, a agricultura em grande escala ou a produção de bens e serviços para troca e venda, as diferenças de gênero têm maior probabilidade de se tornarem desigualmente valorizadas. Não

só as mulheres em idade fértil e em período de amamentação estão mais limitadas nos tipos de atividades econômicas que podem empreender, mas a prosperidade tipicamente traz especialização crescente em várias tarefas, com as pessoas trazendo recursos econômicos para o lar sendo mais valorizadas. Além disso, na medida em que mais famílias têm riqueza para repassar aos herdeiros, o desejo de saber quem é parente ou herdeiro legítimo resultou em maior supervisão e controle das mulheres, de uma forma que os homens não experimentaram.

Biblicamente, muitas dessas mudanças são evidentes a partir do início do livro de Gênesis, onde o jardim representava uma espécie de economia hortícola. Posteriormente, as pessoas estavam agrupadas em grupos nômades tribais que caçavam e se reuniam ou cuidavam de pequenos rebanhos. Talvez, o exemplo mais significativo tenha envolvido os israelitas, tendo deixado o Egito e vivendo uma existência nômade enquanto vagavam pelo deserto. Embora esses primeiros relatos ofereçam muitos exemplos de desigualdade de gênero, essa era também a era do pacto de Deus com Israel e a entrega dos Dez Mandamentos, incluindo o Mandamento de honrar o pai e a mãe de alguém, “para que seus dias sejam longos na terra que o Senhor teu Deus te está dando” (Êxodo 20.12). À medida que os israelitas puderam se estabelecer e a agricultura e pastoreio resultaram em acúmulo de riquezas para repassar aos herdeiros, maiores desigualdades emergem em como as mulheres e os homens são representados e tratados.

Com o tempo, as diferenças em como homens e mulheres devem se comportar podem se tornar cada vez mais rígidas e desiguais, muitas vezes sem considerar se são morais ou justas. No Novo Testamento, o respeito e o tratamento de Jesus às mulheres, oferecia uma poderosa mensagem de como era importante restaurar a justiça de gênero, tratando as mulheres de maneira equitativa. As mulheres não deveriam ser apedrejadas enquanto os homens ficassem impunes por adultério (João 8.1-11). O sangue menstrual das mulheres não era visto como impuro ou como profano para quem o tratasse (Mateus 9.20-23). As mulheres à margem da sociedade foram retratadas como merecedoras de conversar seriamente e pedir água para dar vida (João 4.5-42). As mulheres eram respeitadas como estudantes sérias ou discípulas das escrituras e eram incluídas no círculo íntimo de Jesus (Lucas 10.38-42; João 20.1-18). As mulheres estavam entre os líderes e colaboradores importantes nas primeiras igrejas cristãs, como Lídia (Atos 16.12-15, 40) e a apóstola Júnias (Romanos 16.7). No geral, o cristianismo foi um movimento restaurador para corrigir as desigualdades de gênero e chamar as pessoas para um relacionamento correto entre si e com Deus.

O sociólogo Max Weber fez duas observações sobre o status das mulheres nas comunidades religiosas ao longo do tempo.¹⁹ Primeiro, o status das mulheres tende a ser semelhante ao dos homens em movimentos religiosos mais recentes entre pessoas que tendem a ser marginalizadas na sociedade, desde que os movimentos não sejam focados em guerras ou poder militar, como o movimento cristão primitivo. E segundo, à medida que novos movimentos religiosos desenvolvem uma organização formal, incluindo uma estrutura de liderança formal, como o clero e um cânone das escrituras, o status das mulheres se torna cada vez mais marginalizado de posições de liderança ou responsabilidade. Por exemplo, os papéis de liderança das mulheres na igreja primitiva tornaram-se

¹⁹ Max Weber, *The Sociology of Religion*. Boston: Beacon Press, 1993.

contestados logo na virada do primeiro século, à medida que se convertiam e cresciam. Outros fatores que contribuíram para isso podem ter sido aspectos políticos daquela época, incluindo a militarização romana e o crescente status do cristianismo entre outros movimentos religiosos, com sua proeminência atraindo também a atenção e a perseguição de Roma.

Diferenças de gênero, igualdade e equidade

As diferenças de gênero emergem em parte das diferenças fisiológicas na procriação, gravidez e amamentação de bebês e crianças pequenas. No entanto, também existem diferenças importantes dentro de cada gênero. Nem todas as mulheres, por exemplo, são capazes de gerar filhos ou cuidar deles, seja por causa da idade ou de uma condição física. Isso não as torna menos mulher, mas significa que elas têm diferentes oportunidades e limitações. Da mesma forma, nem todos os homens podem produzir descendentes. Isso não muda seu valor fundamental ou sua humanidade na estima de Deus. Significa simplesmente que eles têm diferentes limitações e oportunidades em certas áreas do que outros homens. Todas as outras diferenças que atribuímos ao gênero são socialmente construídas: por meio da cultura, das circunstâncias econômicas ou políticas de uma sociedade, ou de como a sociedade escolhe tornar um grupo mais importante ou poderoso do que outro. Isso também significa que atitudes que constroem desigualdades são capazes de mudar se uma sociedade deseja se livrar de estereótipos e noções de desigualdade que criam injustiça.

Crianças muito novas estão cientes das diferenças de gênero, idade e outras características, mas raramente atribuem muito valor a essas diferenças, a não ser como um processo de formar sua identidade, aprendendo o que são ou não. O valor que eles começam a colocar nessas diferenças, vendo algumas como melhores ou mais importantes do que outras, é aprendido com os membros da família, sua comunidade e a cultura circundante. Os estereótipos de gênero do que é considerado masculino ou feminino são transmitidos de geração em geração pela família, escolas e instituições religiosas e sociais. Por exemplo, o que é tipicamente masculino tem sido visto como ativo e assertivo, enquanto a feminilidade tem sido valorizada como passiva e submissa. Isso fica evidente nos brinquedos que as crianças são encorajadas a brincar e como são ensinadas a se comportar. Uma vez que as atitudes e os preconceitos se formam, eles são mais difíceis, mas não impossíveis de mudar.

Quando se fala em desigualdade de gênero, é fundamental evitar a noção estereotipada de que os homens são igualmente dominantes e poderosos e que as mulheres são igualmente impotentes. O lugar social e cultural de uma pessoa dentro de uma determinada configuração afeta o poder potencial que uma pessoa pode ter ou não. A localização social inclui aspectos como idade, riqueza ou pobreza socioeconômica, etnia ou raça, e até que ponto uma pessoa está em conformidade com as normas e expectativas dominantes de uma sociedade. Alguns homens detêm mais poder que outros, e nem todas as mulheres são igualmente impotentes. No entanto, alguns que têm o potencial de exercer poder ou domínio considerável podem recorrer a outros modelos de relacionamento, optando por agir por consenso, colaboração ou trabalhando para ajudar a

capacitar outras pessoas, como mulheres, mesmo quando isso pode envolver a concessão de privilégios com seu status. Portanto, qualquer discussão sobre desigualdade de gênero precisa considerar as diferenças dentro de um status de gênero compartilhado, assim como entre gêneros.

A igualdade de gênero é diferente da equidade de gênero. Nem todo mundo possui os mesmos dons ou habilidades, e alguns têm mais limitações físicas ou mentais do que outros. Às vezes, as diferenças são temporárias, como as exigências físicas e emocionais da maternidade ou das responsabilidades de cuidar; outras vezes são permanentes. Enquanto as pessoas não se consideram iguais, todas são igualmente valorizadas por Deus. As próprias diferenças são simplesmente parte de nossa humanidade, e não justificativas para valorizar algumas pessoas mais do que outras.

Equidade de gênero significa que as diferenças são avaliadas de maneira equivalente, justa e justa para todos. A equidade é mais evidente na primeira carta de Paulo ao capítulo 12 dos Coríntios, onde ele fala das diferentes partes do corpo e de como todas têm uma função diferente, mas valiosa. Isso mostra que as diferenças na comunidade cristã são dons que devem ser avaliados de maneira equivalente, mesmo que as funções de um ou de outro variem acentuadamente. Efésios 5.21-33 oferece outro exemplo de como a equidade de gênero foi negociada na comunidade cristã primitiva. Embora os maridos recebessem um papel de liderança do lar, o que para muitos em diferentes contextos culturais pode ser controverso na forma como é entendido, os maridos também foram ordenados a amar suas esposas, com um amor que é representativo de Cristo, fundamentado em respeito mútuo e honra. De modo algum isso significa tratá-las como propriedade ou prejudicá-las física ou emocionalmente, assim como eles mesmos não gostariam de ser prejudicados. O importante ensinamento desta passagem tem a ver com equidade e mutualidade, ligadas em amor. A relação é violada quando essa equidade e a mutualidade se transformam em desigualdade, abuso e outras formas de violência.

A igualdade de gênero, no sentido teológico, significa que toda a humanidade é igualmente merecedora da atenção e do amor de Deus, independentemente de gênero ou outras diferenças. Como cristãos, Jesus enfatiza a igualdade de gênero diante de Deus no amor ao próximo como a si mesmo, e em não fazer aos outros o que alguém não desejaria para si mesmo (Mateus 22.36-39). O apóstolo Paulo em Gálatas 3.28 é ainda mais específico ao dizer que em Cristo nossas diferenças variadas e as desigualdades que atribuímos a elas não existem. Se, em Cristo ou no Reino de Deus, tais desigualdades não existem, então por que nós, como cristãos, continuamos a sustentá-las?

A equidade de gênero é importante tanto para homens quanto para mulheres. Embora os homens possam abandonar o poder que vem com o domínio sobre as mulheres, eles ganham respeito com base no amor e não no medo. Eles também se aproximam do modelo de relações equitativas que a escritura do Novo Testamento nos chamou a seguir.

Desigualdade de gênero e sexualidade

A desigualdade de gênero geralmente se expressa pela sexualidade. O que as pessoas aprendem de sua sociedade sobre o que são formas legítimas e tabu de sexualidade geralmente moldam seu comportamento sexual. Historicamente e culturalmente, a sexualidade tem significados diferentes. Os comportamentos sexuais variam não apenas em tipo, mas também em intenção e intensidade. Em alguns contextos eles podem envolver algo tão simples como olhar diretamente para outra pessoa, ou tocar uma mão ou qualquer outra parte do corpo. O status de gênero e a gama de expectativas sexuais que cercam a masculinidade ou a feminilidade também afetam a compreensão da sexualidade.

A sexualidade é uma das formas mais profundas pelas quais uma pessoa expressa intimidade e amor por outra pessoa. Também pode ser uma maneira de exercer interesse próprio, poder e domínio sobre o outro. O filósofo social Michel Foucault²⁰ mostra que a sexualidade é uma forma primária de expressar o poder na sociedade, especialmente nas relações de poder. É mais provável que mulheres e meninas sejam estupradas do que homens e meninos em consequência de guerras, conflitos e atos de violência pessoal. Os homens também podem ser estuprados como uma forma de relações de poder, quando são usados para afirmar o domínio. Às vezes, o estupro ocorre como uma questão de incesto, em que as relações de domínio e poder são exercidas sobre aqueles que são vulneráveis e quando os tabus contra a fala podem fazer meninas e mulheres sujeitas a repetidos abusos. O estupro e o abuso são uma violação do chamado de Cristo de amor e respeito mútuos. Essa mutualidade fornece uma relação de equidade que ajuda a resolver a desigualdade das relações de poder.

Os cristãos estão especialmente divididos em suas crenças sobre a homossexualidade. Algumas dessas divisões envolvem cultura, sociedade e a leitura e interpretação das escrituras. Como forma de criar equidade para aqueles com quem se discorda, mantendo a integridade da fé, o espaço deve ser permitido para o respeito mútuo e o diálogo.

Espaços separados por gênero e desigualdade de gênero

O controle do espaço público e privado tem uma longa história na determinação de como gênero e outras formas de desigualdade são mantidas. Geralmente, não pensamos em como o espaço pode ser generalizado, com limites diferentes sobre onde é aceitável homens e mulheres irem, e as várias penalidades para quem entra em um espaço onde não deveria estar. As penalidades podem ser leves, como constrangimento momentâneo até que alguém saia desse espaço, ou podem ser significativas, como incitar a violência contra aquele que entrou no espaço proibido.

Dentro de cada cultura, o espaço de gênero também inclui como somos ensinados a andar ou se mover, os gestos faciais ou manuais que podemos usar, como nossos corpos são vestidos ou cobertos, e o potencial da violência contra aqueles que transgridem as normas de como as pessoas se movem ou ocupam o espaço. O uso

²⁰ Michael Foucault, *The History of Sexuality*. New York: Vintage Books, 1980.

do espaço pelas mulheres é monitorado e controlado de maneiras que os homens não são. Embora o espaço possa ser de gênero, as relações de poder atuam na maneira como esse espaço é controlado, quais são limitados para alguns, por outros e por quem procura impor penalidades e a extensão ou importância dessas penalidades.

Em muitas culturas, as crianças pequenas podem brincar juntas no mesmo lugar, ou realizar atividades ou tarefas similares, sem incitar preocupação ou atenção às diferenças de gênero.²¹ Tipicamente, quando as meninas se aproximam da puberdade, seu uso do espaço torna-se mais restrito do que para os meninos. Tais mensagens são comunicadas através de valores de modéstia e medos de violência física e sexual para meninas e mulheres que transgridem esse espaço, seja em roupas ou aparecendo em certos espaços públicos que ficam fora dos limites impostos, a menos que com alguém que seja considerado apropriado para esse espaço, como um acompanhante ou membro da família. Por exemplo, se alguém está "fora do lugar", há uma penalidade. Em alguns contextos, estar fora de lugar é visto como merecedor do que possa acontecer, o que se torna uma justificativa para atos de dominação e de violência. Embora isso possa acontecer também para os homens, as restrições ao espaço são muito mais abundantes para as mulheres.

O espaço de gênero torna-se espaço sexual onde os limites são transgredidos. A violência se torna violência sexual, onde as mulheres e outros grupos vulneráveis (como transexuais, intersexuais ou gays) são vistos como vulneráveis e "fora do lugar" no espaço que ocupam, ou pessoas que não escondem seu status diferente em público.

O resultado é que os homens têm acesso a muito mais espaços públicos do que as mulheres, sem medo de repercussões ou ameaças de violência. Mesmo em culturas urbanas e ocidentalizadas, as mulheres muitas vezes não têm a mesma liberdade social que os homens para andar nos mesmos espaços públicos à noite, ou para viajar sozinhas através de bairros questionáveis, ou para visitar os mesmos estabelecimentos de alimentação e bebidas. Embora os mesmos riscos físicos possam existir para os homens, o medo de violações físicas e violência para as mulheres efetivamente restringe o uso do espaço para muitas delas.

Com o tempo, a limitação do espaço para as mulheres afeta sua capacidade de realizar determinadas tarefas ou obter as habilidades e a experiência necessárias para alguns trabalhos ou ocupações. Como resultado, o controle de espaço por gênero pode restringir a capacidade das mulheres de trabalhar em determinados empregos, turnos ou ocupações inteiras. Também pode afetar sua capacidade de obter educação. As desigualdades de gênero que se desenvolvem através de restrições espaciais também se tornam internalizadas por meio do senso do que alguém pode ou não pode ser. O poder é refletido pelo uso ou pela restrição de espaço, que é de gênero.

²¹ Cindi Katz discute o espaço de gênero em sua pesquisa no Sudão e nos Estados Unidos; veja seu trabalho "Growing Girls/Closing Circles: Limits on the Spaces of Knowing in Rural Sudan and United States Cities." In C Katz and J Monk (Eds.) Full Circles: Geographies of Women over the Life Course. Routledge (1993): 88-106. Reimpresso com novo epílogo em D L Hodgson (Ed.) Gendered Modernities: Ethnographic Perspectives. St Martins Press (2001): 173-202

Desafios para a desigualdade de gênero no uso dos espaços

Biblicamente, Jesus desafiou as práticas de seus dias ouvindo e falando com mulheres "fora do lugar" no espaço público, especialmente quando apareciam sozinhas: se estavam pedindo cura, ou a mulher que ele conheceu no poço. Sua mensagem era claramente que uma questão fundamental era que a humanidade deveria ser respeitada em todos os espaços, e que o gênero não determinava a quantidade de respeito ou tratamento que se deveria receber. Dessa forma, Jesus aponta para a igualdade fundamental que todos merecem, independentemente de seu gênero.

A Igreja sempre foi um espaço onde as mulheres puderam ser bem-vindas. Frequentemente, também é baseada em gênero. Certos grupos, comitês ou associações podem ser segregados por gênero. Alguns espaços podem dificultar ou criar um tabu para aqueles de outro gênero impossibilitando a sua entrada, dependendo da cultura particular ou crenças, como a área ao redor do altar ou a sacristia. Mesmo na igreja, o espaço de gênero às vezes pode ser inseguro, em que a sedução sexual e a violência ocorrem. Alguns dos argumentos usados contra a ordenação de mulheres envolveram o espaço baseado no gênero, tais como preocupações com a menstruação feminina, poderes femininos de incitar a sexualidade masculina, o pastor precisando trabalhar à noite quando o espaço pode se tornar especialmente perigoso ou precisar entrar em bairros de risco quando visitam paroquianos.²² Tais preocupações raramente ou nunca foram expressas para os homens.

Desigualdade de gênero no trabalho produtivo e reprodutivo

Na maioria das sociedades que desenvolveram riqueza suficiente para ir além de uma economia de subsistência, o trabalho que mulheres e homens desempenham muitas vezes se divide em empregos, tarefas e ocupações especializadas. Tipicamente, as mulheres se tornaram as principais responsáveis pelo trabalho reprodutivo, os tipos de ocupação que envolvem ter filhos e criar, cozinhar, costurar, cuidar da família e outras tarefas envolvidas na manutenção do lar. Os homens assumem empregos ou ocupações que envolvem a renda e outros recursos para a família, o que, em termos econômicos, é comumente chamado de trabalho produtivo. Essa clássica divisão do trabalho é comum para a maioria das sociedades contemporâneas.

A divisão do trabalho por gênero envolve vários problemas: não apenas o trabalho produtivo e reprodutivo é desigual em termos de recompensas econômicas, mas também na quantidade de trabalho envolvido. O ditado "o trabalho das mulheres nunca acaba" geralmente significa que as mulheres raramente têm tempo para relaxar depois de um dia de trabalho, já que as refeições devem ser preparadas e limpas, e as necessidades da família devem ser atendidas. Nos lares onde as mulheres querem fazer um trabalho produtivo, ou precisam fazê-lo pela sobrevivência econômica ou pela sustentabilidade, elas

²² Emily C Hewitt and Suzanne R Hiatt, *Women Priests: Yes or No?* Seabury Press, New York, 1973, <http://www.womenpriests.org/ecumenism/women-priests-yes-or-no-by-emily-c-hewitt-and-suzanne-r-hiatt/>

ainda são quase todas ou são totalmente responsáveis pelo trabalho reprodutivo também. A Socióloga Arlie Hochschild²³ chama isso de "segundo turno" que as mulheres fazem e que raramente é compartilhada igualmente ou equitativamente pelos homens. Ela sugere que a mudança dessa desigualdade comece com a valorização do envolvimento dos homens no trabalho reprodutivo, que inclui locais de trabalho que acomodem a participação dos homens na vida familiar. Somente quando o trabalho reprodutivo não remunerado é compartilhado equitativamente, ele pode avançar para uma maior equidade de gênero.

Quando as mulheres se envolvem em trabalho remunerado, muitas vezes enfrentam limitações sobre os tipos de ocupações ou cargos que podem exercer devido ao seu status de gênero, em vez de suas habilidades ou qualidades para realizar o trabalho. Alguns argumentam que as mulheres são mais adequadas para alguns tipos de trabalho do que outras, normalmente empregos e ocupações que não trazem renda econômica para a família, ou ocupações com salários mais baixos do que os empregos que os homens normalmente mantêm. Tais argumentos costumam ser ditos pelos homens como um meio de justificar a exclusão das mulheres do trabalho considerado desejável ou bem remunerado.

Onde homens e mulheres têm o mesmo emprego, os homens geralmente são promovidos a cargos mais bem pagos ou de liderança, apesar de as mulheres terem qualificações iguais ou semelhantes. As mulheres costumam se agrupar em posições de nível mais baixo e com salários mais baixos, enquanto os homens se concentram em posições de supervisão, gestão e liderança mais bem pagas. Mesmo onde homens e mulheres têm o mesmo emprego, os homens geralmente recebem mais do que as mulheres.

Algumas vezes, justificativas são formadas como uma forma de argumentar a equidade moral de pagar mais aos homens, como a maior probabilidade de que as mulheres desistem, que elas estarão ausentes com mais frequência, que elas são mais emocionais, que seu pagamento é uma segunda renda e não é necessário para o lar, e assim por diante. E isso ocorre apesar da falta de evidências ou conhecimento de circunstâncias específicas. A desigualdade na remuneração afetou especialmente as mulheres em domicílios onde elas são o único suporte econômico para suas famílias. Essas desigualdades são encontradas em sociedades de todo o mundo, independentemente da riqueza econômica ou do percentual de mulheres engajadas na força de trabalho remunerada. No geral, a quantidade e o tipo de trabalho que mulheres e homens continuam a fazer ainda não são iguais nem equitativos.

As desigualdades de gênero no trabalho reprodutivo não remunerado no lar e no trabalho remunerado afetam as relações de poder entre homens e mulheres. Não apenas as mulheres devem trabalhar mais e com mais afinco pelo que recebem, incluindo o segundo turno do trabalho doméstico e dos cuidados infantis, mas a pesquisa mostrou que as relações de poder dentro da família são tipicamente afetadas pela renda²⁴. Nos lares onde as mulheres ganham uma renda comparável à dos homens, a tomada de decisões é compartilhada de maneira mais equitativa,

²³ Arlie Russell Hochschild, *The Second Shift*. New York: Penguin Books, 2003

²⁴ Hochschild; ver também Judy Brink and Joan Mencher, eds. *Mixed blessings: gender and religious fundamentalism cross culturally*. New York: Routledge, 1997

e o status das mulheres é maior do que o de onde elas têm pouca ou nenhuma renda própria. Este também tem sido o caso em que as mulheres tiveram que migrar para encontrar trabalho fora de sua comunidade local, normalmente porque pouco trabalho está disponível localmente para mulheres ou homens.

Desigualdade de gênero e trabalho na Igreja

Na Igreja, mulheres e homens têm feito tipicamente tarefas diferentes, com homens normalmente em posições de tomada de decisão sobre como o trabalho religioso deve ser realizado ou dividido por gênero. Apesar de onde o trabalho de homens e mulheres se sobrepõe na igreja primitiva, o trabalho da igreja das mulheres subsequentemente se tornou segregado por gênero e desproporcionalmente não remunerado. Desde meados do século XX, o trabalho vocacional de mulheres e homens na maioria das igrejas anglicanas e episcopais tem se sobreposto, embora a extensão tenha variado de acordo com a cultura e as crenças teológicas provinciais ou diocesanas. As mulheres anglicanas/episcopais agora são ordenadas bispas, presbíteras e diáconas em todos os continentes, embora não em todas as igrejas ou dioceses. Mulheres e homens leigos têm cada vez mais pessoal semelhante ou posições de voluntariado, embora ainda haja uma lacuna de gênero em cargos de liderança e em remuneração paga por trabalho semelhante.

Ainda restam desafios para aproveitar ao máximo os dons e habilidades de todos, independentemente do gênero, em uma ampla variedade de ministérios leigos e ordenados, em benefício da Igreja e de sua missão. Onde as normas culturais impedem a plena igualdade de gênero, é necessária uma análise cuidadosa de onde e como tais normas emergiram, e se elas são justas ou injustas em termos de quem se beneficia e quem é prejudicado, e se elas são mutuamente acordadas por todos e se são afetados por elas. Em resumo, pode haver razões para a desigualdade, mas a mutualidade e a equidade são fundamentais para nossa fé e missão cristãs.

Organizações de gênero e desigualdade

A socióloga Joan Acker²⁵ apontou que as próprias organizações são de gênero, incluindo os empregos e as expectativas em torno dessas organizações. Ela afirma que quando os homens formam organizações, incluindo as ocupações e as posições que ocupam, eles o fazem a partir de seu próprio contexto e interesses. Onde os empregos e ocupações normalmente são ocupados por homens, então eles tipicamente evoluíram de expectativas do que pode ser adequado para homens.

Tais expectativas podem envolver estilo de liderança, como as finanças devem ser gerenciadas, as horas em que se trabalha, especialmente em um local de trabalho, ou quão bem as pessoas avaliam a pessoa que faz o trabalho. À medida que as mulheres entram, elas podem se apegar a essas expectativas, independentemente de serem necessárias ao trabalho ou não.

²⁵ Joan Acker, 'Hierarchies, Jobs, Bodies: A Theory of Gendered Organizations', *Gender & Society* 4 (1990):139-158

O clero feminino encontra um contexto organizacional de gênero de várias maneiras. Pode-se esperar que elas usem um estilo de liderança similar ao usado pelos homens, como uma medida de quão eficaz ou bem elas se comportam. Se a mulher parecer menos autoritária ou decisiva, ela pode ser criticada. Ao mesmo tempo, se ela usar exatamente o mesmo estilo esperado dos homens, ela pode ser criticada por ser muito mandona ou agressiva, já que transgride as expectativas de gênero para seu comportamento. Além disso, existem diferentes expectativas organizacionais para o cônjuge do clero. Uma vez que historicamente, os clérigos anglicanos e episcopais têm sido em sua maioria homens casados, suas esposas tradicionalmente contribuíram com uma quantia considerável de trabalho não remunerado para a congregação através da liderança de grupos de mulheres, escolas dominicais, música ou outras áreas. Quando uma mulher tem sua própria carreira, podem surgir tensões com relação à extensão da contribuição que ela é capaz de fazer.

A pesquisa do clero sugeriu que os homens casados são mais propensos a ser contratados do que as mulheres, em parte por causa das expectativas de que a congregação também obterá o trabalho não remunerado da esposa²⁶. Tais expectativas não se aplicam igualmente ao companheiro de uma presbítera. Para transformar a organização da igreja em direção à igualdade de gênero na liderança e outros aspectos historicamente desenvolvidos ou povoados por homens, ela precisa ser examinada quanto a preconceitos de gênero. Onde são encontrados os vieses, aqueles afetados por eles, seja positiva ou negativamente, precisam repensar como a organização pode ser ajustada para que seja equitativa para todos.

Transformando a desigualdade de gênero

Qualquer tipo de desigualdade de gênero que prive as pessoas de fazer o máximo uso de suas habilidades e aptidões ao serviço uns dos outros, incluindo família, comunidade, igreja e sociedade em geral, pode e deve ser abordado e mudado. A exploração de qualquer pessoa em benefício de outra viola o mandato do cristianismo de amar e tratar uns aos outros como alguém igual a si mesmo. Portanto, todos os relacionamentos devem ser fundamentados em respeito uns aos outros. Isso não significa que limites ou barreiras não precisem ser definidos; mas onde a igualdade de gênero perfeita não é viável, a equidade de gênero pode transformar a injustiça em relações justas baseadas em aceitação e respeito mútuos. Para ser justo, todos os afetados devem ser representados no desenvolvimento de uma solução ou um caminho a seguir. Uma parte não pode decidir autonomamente o que é justo para outra.

Idealmente, os fins da igualdade e equidade de gênero deveriam envolver a integração e a inclusão das pessoas de uma maneira que quebra o valor desigual que é colocado em nossas diferenças humanas, especialmente onde alguns foram reverenciados e outros foram desrespeitados. A Igreja tem uma importante oportunidade para modelar o que pode ser possível na sociedade em geral.

²⁶ Paula Nesbitt, 'Marriage, Parenthood and the Ministry: Differential Effects of Marriage and Family on Male and Female Clergy Careers', *Sociology of Religion*, 56,4 (Winter 1995): 397-415

Questões para Discussão

1. Quais são algumas das desigualdades de gênero ou injustiças em sua comunidade ou contexto que limitam as oportunidades ou a participação das mulheres? Há alguma que limite as oportunidades ou participação dos homens?
2. Quais são os tipos de expectativas de gênero que criam ou apoiam as desigualdades ou injustiças de gênero em sua cultura ou contexto? Quem os está estabelecendo ou reforçando: homens, mulheres ou ambos?
3. Como algumas das desigualdades ou injustiças de gênero que mais lhe preocupam podem ser abordadas ou alteradas?

Seção 5: Violência e Abuso causados e baseados no gênero

Objetivos

- Analisar as causas da violência e abuso de gênero na igreja e na sociedade.
- Entender como a Bíblia pode ser uma ferramenta para e contra a violência baseada no gênero.
- Propor maneiras pelas quais a igreja pode ser mais eficaz ao lidar com questões de violência baseada em gênero.

Porque o Senhor é justo; ele ama atos justos; o justo contemplará seu rosto.

Salmo 11.7

Violência baseada em gênero

Em todos os países, a violência baseada no gênero é uma realidade trágica e afeta pessoas de todas as origens socioeconômicas e culturais. É a violência direcionada a um indivíduo, baseada em seu gênero específico na sociedade. Embora possa afetar homens e mulheres, a violência baseada em gênero afeta mulheres e meninas de forma desproporcional. Pesquisas realizadas pela Organização Mundial da Saúde mostraram que, em todo o mundo, uma em cada três mulheres sofre violência física ou sexual perpetrada por um parceiro íntimo.²⁷ A violência baseada em gênero é uma das violações de direitos humanos mais prevalentes no mundo.²⁸ Homens e meninos também experimentam violência baseada em gênero, especialmente quando sua identidade de gênero entra em conflito com as normas de gênero da sociedade.

A violência baseada em gênero reforça as hierarquias de gênero e perpetua as desigualdades de gênero. De acordo com um estudo das Nações Unidas, intitulado “Acabando com a Violência contra as Mulheres”:

“As raízes da violência contra as mulheres estão nas relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres e na discriminação generalizada contra as mulheres, tanto na esfera pública quanto na privada. Disparidades patriarcais de poder, normas culturais discriminatórias e desigualdades econômicas servem para negar os direitos humanos das mulheres e perpetuar a violência. A violência contra as

²⁷ Organização Mundial da Saúde, 2014

²⁸ Fundo de População das Nações Unidas, 'Gender-based Violence', <https://www.unfpa.org/gender-based-violence>

mulheres é um dos principais meios pelos quais o controle masculino sobre a liderança e a sexualidade das mulheres é mantido.”²⁹

Quando homens poderosos são colocados no topo da pirâmide das relações humanas e são incentivados a ver o poder como dominação e controle, eles são propensos a usar o poder contra pessoas vulneráveis e menos poderosas ou impotentes.

A violência baseada em gênero pode assumir a forma de abuso doméstico. O círculo de "Poder e Controle" abaixo, adaptado do modelo de Duluth, mostra os temas e as experiências comuns das vítimas que viveram em um relacionamento abusivo. Inclui exemplos da variedade de táticas usadas pelos abusadores.



- **Coerção e ameaças:** fazer e executar ameaças para fazer algo para ferir a outra pessoa; ameaçando deixar a relação, cometer suicídio, denunciar a outra pessoa às autoridades; fazendo a outra pessoa desistir das acusações; fazendo a outra pessoa fazer coisas ilegais.
- **Intimidação:** fazer com que a outra pessoa fique com medo usando olhares, ações, gestos; esmagando as coisas; destruindo a propriedade da outra pessoa; abusar de animais de estimação; exibindo armas.
- **Abuso emocional:** colocar a outra pessoa “para baixo”; fazer a outra pessoa se sentir mal consigo mesma; chamando palavrões; fazendo a outra pessoa pensar que ela é louca; fazendo jogos mentais; humilhar a outra pessoa; fazendo com que ela se sinta culpada.
- **Isolamento:** controlar o que a outra pessoa faz, quem vê e fala, o que lê, para onde vai; limitando seu envolvimento externo; usar o ciúme para justificar ações.
- **Minimizar, negar e culpar:** minimizar o abuso e não levar a sério suas preocupações sobre ele; dizer que o abuso não aconteceu; deslocar a

²⁹ Nações Unidas, Acabando com a Violência contra as Mulheres, Estudo do Secretário-Geral (New York: United Nations, 2006), ii, <http://www.un.org/womenwatch/daw/vaw/launch/english/v.a.w-exeE-use.pdf>

responsabilidade por comportamento abusivo; dizer que a outra pessoa causou isso.

- **Usando crianças:** fazer a outra pessoa se sentir culpada por causa das crianças; usar as crianças para transmitir mensagens; usar visitação (onde um casal é separado) para assediar a outra pessoa; ameaçar levar as crianças embora.
- **Abuso econômico:** impedir que a outra pessoa consiga ou mantenha um emprego; fazendo-a pedir dinheiro; dando a outra pessoa uma mesada; pegando seu dinheiro; não deixar a outra pessoa saber ou ter acesso à renda familiar.
- **Privilégio masculino** (onde o agressor é do sexo masculino e a vítima é mulher): tratando-a como uma serva; tomar todas as grandes decisões; agir como o “mestre do castelo”; ser o único a definir papéis de homens e mulheres.

A violência baseada em gênero inclui violência física, sexual e assédio, casamento infantil ou forçado, mutilação genital feminina, tráfico sexual e danos infligidos a pessoas com sexualidades marginalizadas.

Durante a guerra e conflito militar ou civil, agitação e instabilidade social e política e migração forçada, a violência baseada no gênero se multiplica.

Organizações sociais e grupos de mulheres trouxeram à luz a magnitude e a difusão da violência baseada em gênero em nossa sociedade. Esses grupos, por vezes, foram capazes de fornecer proteção e abrigo, aconselhamento e defesa de mulheres e crianças cujas vidas foram devastadas por ele. Sobreviventes da violência não são vítimas passivas e muitas demonstram notável coragem e resiliência. Algumas denunciam os fatores culturais e sociais que perpetuam a violência e tornam-se agentes de mudança.

Abaixo estão três exemplos de violência baseada em gênero: violência baseada em gênero contra migrantes, refugiados e pessoas deslocadas; tráfico sexual; e, estupro, abuso e violência.

- **Violência baseada em gênero contra migrantes, refugiadas/os e pessoas desalojadas**

Embora a migração não seja um fenômeno novo, ela se tornou uma grande crise no nosso tempo. Todos os dias, milhões de pessoas são forçadas a sair de seus lugares e estão em movimento por causa de conflitos, perseguições ou circunstâncias políticas, econômicas ou ecológicas.

Um estudo das Tendências Globais da Agência de Refugiados das Nações Unidas revelou que 68,5 milhões de pessoas foram deslocadas no final de 2017, tendo sido forçadas a sair de suas casas em todo o mundo.³⁰

³⁰ <https://www.unhcr.org/globaltrends2017/>

Aqueles que procuram abrigo nos países vizinhos muitas vezes colocam suas vidas em perigo em viagens de risco. O aumento da violência e da intolerância em relação a migrantes, refugiadas/os e pessoas deslocadas é alarmante em nosso mundo contemporâneo. As relações de poder desiguais entre mulheres e homens são reproduzidas ou exacerbadas durante a migração, o que deixa as mulheres mais suscetíveis à violência durante esse processo.

Quando seu marido morreu, Amina (pseudônimo) teve que migrar para a Índia para ganhar dinheiro e escapar do assédio sexual de seu vizinho. Na Índia, ela trabalhava como operária de construção, mudando de lugar para lugar com estranhos e muitas vezes assediada sexualmente. Ela teve seu salário frequentemente negado a menos que ela tivesse relações sexuais com seu empregador ou a pessoa que pagava o salário. Ela foi obrigada a envolver-se no comércio sexual para sustentar a família, por isso tornou-se operária de construção e trabalhadora do sexo.

Fonte: Fiona Samuels, Stories of Harassment, Violence and Discrimination: Migrant Experiences between India, Nepal and Bangladesh.
www.academia.edu/4632183/Stories_of_harassment

A violência baseada em gênero se destaca como uma das principais violações enfrentadas por mulheres migrantes, refugiadas e deslocadas em todo o mundo. Muitas foram fisicamente abusadas, assediadas sexualmente, estupradas e até mesmo mortas. Sobreviventes sofrem consequências sexuais e reprodutivas, como gravidez forçada e indesejada, abortos inseguros e infecções sexualmente transmissíveis, incluindo o HIV.

As mulheres que migram para outros países por meio de casamentos internacionais às vezes enfrentam abuso físico, emocional e sexual por parte de seus cônjuges. Essas noivas imigrantes mal conhecem seus maridos e são economicamente dependentes deles. As barreiras linguísticas e culturais existentes entre os casais e as relações desiguais na família permitem que os maridos dominem suas esposas. Como estas mulheres são muitas vezes isoladas na sociedade, elas têm pouco apoio quando ocorre violência doméstica.

As meninas e as mulheres refugiadas são especialmente vulneráveis à exploração e estão frequentemente sujeitas a todas as formas de violência no seu dia-a-dia. Por exemplo, a pesquisa sobre a situação das mulheres que fugiram da Síria e do Iraque para a Europa revelou que as mulheres enfrentavam violência, agressão, assédio sexual e um alto risco de serem traficadas em todas as etapas de suas jornadas.³¹

³¹ <http://bit.ly/2vOuKXv>

Vozes das Mulheres Sírias

Assédio às Refugiadas, abuso sexual e viver com medo constante:

"Eu nunca consegui dormir em assentamentos. Eu tinha muito medo de que alguém me tocasse. As tendas estavam todas misturadas e eu testemunhei violência". Reem, uma mulher de 20 anos da Síria

Exploração sexual por contrabandistas:

"Os contrabandistas visam mulheres que viajam sozinhas sabendo que somos mais vulneráveis. Minha amiga que veio comigo da Síria ficou sem dinheiro na Turquia, então a assistente do contrabandista ofereceu a ela para fazer sexo com ele [em troca de um lugar em um barco]; ela, claro, disse que não, e não podia deixar a Turquia, então ela vai ficar lá. Hala, uma mulher de 23 anos de Aleppo

Fonte: Amnesty International, 'Physical Assault, Exploitation and Sexual harassment on their journey through Europe'

Mandato bíblico para acabar com a xenofobia e construir uma cultura de hospitalidade

A Bíblia está cheia de histórias de migração, migração forçada, pessoas no exílio e refugiadas. A Bíblia afirma fortemente e inequivocamente a obrigação de tratar estrangeiras/os, migrantes e refugiadas/os com dignidade e hospitalidade.

- Deixem comida para os pobres e para o estrangeiro, *Levítico 19.9-10*
- Ame o estrangeiro como a si mesmo, *Levítico 19.33-34*
- Não oprima um estrangeiro residente, *Êxodo 23.9*
- Deus ama as/os estrangeiras/os, fornecendo-lhes comida e roupas, *Deuteronômio 10.18-19*
- Julgamento para aqueles que descartam o estrangeiro, *Malaquias 3.5*
- Abra a porta para o viajante, *Jó 31.32*
- Receba o estrangeiro *Mateus, 25.31-36*

A fim de combater a xenofobia e construir uma cultura de hospitalidade em relação aos migrantes e refugiados, especialmente mulheres e meninas, é importante lembrar que Jesus era um refugiado. O Evangelho de Lucas retrata Jesus como *paroikos*, que pode ser traduzido como "estranho", "estrangeiro residente", "estrangeiro" ou "imigrante" (Lucas 24.18). A genealogia de Jesus em Mateus inclui os nomes de cinco mulheres e três entre elas, Tamar, Raab e Rute, eram estrangeiras (não pertencentes ao povo de Israel) que viviam na terra de Israel (Mateus 1.2-16). Tamar e Raab enfrentaram diferentes formas de violência baseada em gênero, enquanto Rute teve que se casar com Booz para sustentar a si mesma e a sogra.

Maria deu à luz a Jesus e deitou-o numa manjedoura porque não havia lugar para eles na estalagem. Sua condição precária era semelhante às situações enfrentadas

por muitas mulheres grávidas migrantes no contexto atual. Após o nascimento de Jesus, Maria e José fugiram com o bebê Jesus para o Egito para escapar do genocídio de bebês ordenado por Herodes. Em sua vida adulta, Jesus foi retratado ou visto pelos outros como um estranho ou um vagabundo. Jesus se moveu com seus discípulos de um lugar para outro, buscando e recebendo hospitalidade de outras pessoas. Jesus disse: "As raposas têm buracos e as aves do ar têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde encostar a cabeça" (Mateus 8.20). Além disso, o ministério de Jesus não estava confinado apenas entre os judeus. Ele não fez discriminação entre judeus ou gentios, escravos ou estrangeiros, homens ou mulheres. Jesus, o refugiado supremo, disse: "Em verdade vos digo que, assim como fizeste com um dos membros menos importantes da minha família, fizeste a mim" (Mateus 25.40).

• Tráfico sexual

O tráfico de pessoas, especialmente o tráfico sexual de mulheres e meninas, tornou-se um negócio lucrativo em todo o mundo. Tráfico sexual significa o recrutamento, transporte, transferência, abrigo ou compra de pessoas para a realização de atos sexuais em troca de dinheiro ou outros recursos. O tráfico sexual pode ser um processo transnacional em que as vítimas são recrutadas no exterior e transportadas para outro país, onde são exploradas para o sexo. Também pode ser um fenômeno doméstico, sem cruzar a fronteira. De acordo com um relatório de 2017, cerca de 4,8 milhões de pessoas foram vítimas de tráfico sexual, uma parte delas do sexo feminino. Eles trazem enormes lucros para os traficantes a cada ano, que veem uma oportunidade financeira de lucrar com o empreendimento criminoso que mais cresce no mundo.³²

Os traficantes aproveitam a pobreza, a falta de perspectivas e a esperança de um futuro melhor para atrair e enganar as vítimas. Prometem oportunidades de emprego às mulheres e jovens, talvez como modelos, babás, garçonetes e bailarinas, que se revelam falsas, ou perspectivas de casamento nas grandes cidades ou no exterior. No entanto, na chegada, elas são coagidas a depender da servidão por dívida, violência e drogas. Elas são abusadas, ameaçadas ou vendidas na indústria do sexo e são privadas de seus direitos humanos, liberdade e respeito.

Algumas grandes cidades do mundo se tornaram centros de tráfico sexual. Por exemplo, nos EUA, Atlanta é uma das principais cidades para o tráfico de sexo porque tem um dos aeroportos mais movimentados do mundo e tem uma indústria de entretenimento crescente. O tráfico sexual lucra bastante baseando-se na exploração de mulheres vulneráveis, jovens sem-teto e pessoas de comunidades pobres e indígenas. Para combater este problema, as agências governamentais, grupos cívicos, organizações de mulheres e comunidades religiosas, incluindo as igrejas, devem trabalhar juntas para mudar leis, políticas, atitudes e comportamentos, e fornecer apoio aos sobreviventes.

³² "Human Trafficking by the Numbers", Human Rights First, January 7, 2017, <https://www.humanrightsfirst.org/resource/human-trafficking-numbers>

- **Violação, violência sexual e abuso**

O estupro e a violência sexual contra as mulheres são exemplos concretos da dominação masculina e do controle sobre os corpos e a sexualidade das mulheres. Estes casos são muitas vezes envoltos em silêncio por causa da vergonha e do estigma. As vítimas que têm a coragem de se reportar às autoridades podem ficar ainda mais traumatizadas por profissionais de saúde, policiais e funcionários judiciais insensíveis ou não preparados para acolher esses casos. Muitos desses casos não são processados e os agressores não são levados à justiça. Alguns grupos de mulheres se manifestaram contra a violência sexual de todas as formas e exigiram mudanças na legislação e no treinamento de pessoas que ajudam as/os sobreviventes. Foram estabelecidos centros de atendimento e linhas diretas em alguns países para ajudar as vítimas de estupro.

A prevalência de estupro e abuso sexual pode ser ilustrada pelo caso da Índia. O número de casos de estupros aumentou a um ritmo alarmante na Índia. Em uma pesquisa da Thomson Reuters Foundation, em 2018, revelou que a Índia foi nomeada como o país mais perigoso para as mulheres depois de chegar em quarto lugar na mesma pesquisa sete anos antes. Esta classificação foi baseada no risco de violência sexual e assédio contra as mulheres, o perigo que as mulheres enfrentam de práticas culturais, tribais e tradicionais, e o perigo do tráfico de seres humanos, incluindo trabalho forçado, escravidão sexual e servidão doméstica.³³

Dados de 2016, da Agência Nacional de Registros Criminais da Índia, revelaram que foram registrados 106 estupros por dia, e quatro em cada dez vítimas eram crianças. O ciclo de violência continua. Algumas estimativas indicam que apenas 10% dos estupros são realmente denunciados. O número de estupros, agressões sexuais e ataques a mulheres e crianças de comunidades minoritárias está aumentando. A politização da religião agravou ainda mais a situação e os fundamentalistas religiosos promoveram a violência contra as minorias.

Uma menina de oito anos, Asifa Ban, de uma comunidade muçulmana nômade, Bakarwal, em Kathua, no estado indiano de Jammu e Caxemira, foi sequestrada e estuprada por hindus brâmanes dentro de um templo hindu e assassinada em janeiro de 2018.

Uma freira católica romana indiana de quarenta e poucos anos, da Congregação Salesianas Missionárias de Maria Imaculada, foi brutalmente atacada, molestada e estuprada na capital de Raipur, estado de Chattisgarh, na Índia, em junho de 2015. Três meses antes, em março de 2015, seis homens estupraram uma freira de 74 anos em uma escola do convento local em Ranaghat, no estado de Bengala Ocidental, na Índia.

Mulheres e meninas não estão seguras nem dentro de suas próprias comunidades religiosas. Estupro e violência sexual ocorrem dentro de igrejas e instituições administradas pela igreja. Na maioria das vezes, as mulheres são penalizadas e

³³ <https://poll2018.trust.org/>

envergonhadas se tiverem coragem para quebrar o silêncio. Apesar de enfrentarem violência e abuso sexual, as mulheres indianas não são vítimas passivas e mostram resiliência em sua luta pela justiça em solidariedade com os outros.

Violência baseada em gênero como questão teológica e ética para a Igreja

A violência baseada em gênero desafia a crença cristã de que os seres humanos são criados à imagem de Deus. O Gênesis diz, "Então Deus criou a humanidade à sua imagem, à imagem de Deus ele os criou; homem e mulher, ele os criou" (1.27).

A violência baseada em gênero é também uma contradição aos ensinamentos cristãos sobre o perdão, arrependimento e reconciliação. O ensino de Jesus em perdoar "não sete vezes, mas setenta e sete vezes", por exemplo, tem sido usado para encorajar as pessoas abusadas (especialmente as mulheres) a continuarem perdoadando seus agressores sem pedir arrependimento por parte do agressor. De fato, os ensinamentos bíblicos sobre o perdão estão intimamente relacionados ao arrependimento e à justiça.

Da mesma forma, o conceito de Jesus como vítima e sacrifício tem sido usado para reforçar estruturas de violência. A mulher que foi violada é lembrada de que ela não sofre tanto quanto Jesus. É-lhe dito que persevere e persista, e que se sacrifique pelo bem da família. A teóloga ganense Mercy Amba Oduyoye observa: "Um sacrifício é aquele que é feito livre e conscientemente e é nobre e amável, amoroso e motivado pelo amor e gratidão. A violência contra as mulheres não é nenhum desses casos."³⁴

Além disso, textos bíblicos sobre a relação entre homens e mulheres foram interpretados para reforçar a hierarquia de gênero e a submissão das mulheres. Os códigos domésticos (por exemplo, Efésios 5.22-6.9) são usados para glorificar uma ideologia familiar, que ensina que a família, como instituição, tem prioridade sobre a vida dos membros dela. Mulheres morreram em relacionamentos abusivos por causa das maneiras pelas quais os textos bíblicos sobre relações de gênero na vida familiar foram interpretados.

O uso da Bíblia para reforçar a submissão das mulheres está em nítido contraste com a forma como Jesus mostrou compaixão pelas mulheres sobreviventes e vítimas de violência. Jesus desafiou o *status quo* em relação à cultura da violência baseada em gênero em sua sociedade e promoveu "a vida em sua plenitude" e a dignidade para as mulheres. A provisão de hospitalidade, apoio, cuidado e proteção para sobreviventes e o fim da violência baseada no gênero são partes essenciais do ministério cristão. Uma vez que as mulheres fazem parte do corpo de Cristo e são criadas à imagem de Deus, a violência e a injustiça que se perpetuam sobre elas significa infligir violência e feridas no corpo de Cristo.

³⁴ Mercy Oduyoye and Elizabeth Amoah, 'The Christ for African Women' in Virginia Fabella and Mercy Oduyoye, eds., *With Passion and Compassion: Third World Women doing Theology*, New York: Orbis Books, 1988, p.44

Uma vez que a violência baseada no gênero é um tabu, as igrejas podem ajudar educando a comunidade sobre a justiça de gênero e tratando as mulheres e meninas com respeito e dignidade. Os líderes religiosos têm o poder de falar contra a cultura da violência e enfatizar a responsabilidade da igreja em promover uma comunidade solidária e compassiva, especialmente em tempos de guerra, conflitos e agitação social. As comunidades religiosas podem trabalhar com organizações não-governamentais e agências internacionais para ajudar e apoiar migrantes, refugiadas/os e pessoas deslocadas e oferecer-lhes esperança e cuidado pastoral. As igrejas precisam reinterpretar as escrituras e as tradições teológicas para que elas não sejam usadas para justificar a violência baseada no gênero. Ao seguir o exemplo de Jesus, a igreja precisa pregar um evangelho inclusivo e promover relacionamentos saudáveis e holísticos entre mulheres e homens, meninas e meninos.

'Todos os domingos, minha igreja está transbordando de mulheres, homens e crianças. Eu me sento no fundo pensando que gostaria que o reverendo falasse sobre violência contra as mulheres - essa congregação depende de cada palavra dele!'

Citado em "Perspectives on Prevention", o boletim informativo da Rede de Prevenção CBV, com sede em Uganda, número 15, Dezembro 2010

Questões para Discussão

1. O que você sabe sobre violência baseada em gênero e abuso em seu contexto?
2. A Bíblia tem sido usada para justificar a subordinação das mulheres em seu contexto? Como isso pode ser mudado?
3. Quais são as maneiras pelas quais as igrejas podem responder à violência e ao abuso de gênero?

Seção 6: Perspectivas teológicas

Objetivos

- Sistematizar e destacar uma teologia fundamental da dignidade inerente de cada pessoa com base em sua criação à imagem de Deus.
- Orientar-se para o chamado da igreja para expressar essa dignidade através da comunhão de todas as pessoas em Cristo.
- Buscar saber como a Comunhão Anglicana, em particular, pode cumprir esse chamado.

Então Deus criou a humanidade à sua imagem, à imagem de Deus ele os criou; homem e mulher, ele os criou.

Gênesis 1.27

Pois foi você quem formou minhas partes internas; você me tricota junto no ventre da minha mãe. Eu te louvo, porque eu sou feito maravilhosamente e com temor.

Salmo 139.13-14

1. A dignidade do ser humano dentro da criação

Depois de olhar para a extensão e profundidade da desigualdade de gênero, abuso e violência no mundo, é importante lembrar porque a fé cristã é tão contrária a ela. Em que base os cristãos lutam contra essa injustiça no mundo? Esta é, em última análise, uma questão teológica sobre a natureza de Deus e da criação. A escritura e tradição cristã ensinam que Deus cria todas as coisas do nada (*ex nihilo*), um ato de generosidade infinita. A própria existência da criação é um dom, uma expressão do eterno amor divino das pessoas da Trindade. Dentro dessa ordem criada, a escritura ensina que a humanidade é criada à imagem de Deus (*Imago Dei*). Isso veio a formar o coração da compreensão cristã da pessoa humana (*Gênesis 1.28-29*). Enquanto toda a criação se assemelha à glória do criador (*Salmo 19.1*), a humanidade é única entre as criaturas, porque mulheres e homens são feitos à imagem e semelhança de Deus.

Quão precisamente a humanidade reflete a imagem de Deus? Houve tentativas de localizar isso em particular qualidades ou capacidades humanas, tais como ter consciência, ou fala, ou liberdade de escolha. Mas cada um deles não enfrentou críticas. Há seres humanos que não possuem essas capacidades, mas que permanecem humanos no âmago de seu ser. Em um recente artigo para a Comissão Permanente Interanglicana para a Unidade, Fé e Constituição, Simon Oliver aponta clara e concisamente para uma abordagem diferente. Esta seção

baseia-se em seu artigo como um exemplo representativo do atual pensamento anglicano.³⁵

Em vez de situar a imagem divina unicamente em uma qualidade ou característica humana essencial, podemos primeiro olhar para Deus e o chamado divino para toda a humanidade. Esse chamado é ouvido pela primeira vez na Palavra criadora de Deus (Gênesis 1.3 e João 1.3-4), na qual a criação é chamada a existir. A primeira verdade de toda criatura é que ela é chamada a existir e recebe sua existência como um presente, pois nenhuma criatura é o fundamento de sua própria existência. Cada criatura, incluindo toda pessoa humana, é em primeiro lugar um presente para si mesma.

A noção de dom é rica e sugestiva, não só para a identidade humana, mas para a centralidade do relacionamento e da comunhão na criação de quem somos:

Qual é a importância de entender a pessoa humana como um dom? As escrituras refletem profundamente sobre o significado do dom. São Paulo escreve: "Quem vê algo diferente em você? O que você tem que você não recebeu? E se você recebeu, por que você se orgulha como se não fosse um dom?" (1Coríntios 4.7). O Espírito Santo, frequentemente conhecido na tradição cristã como "o presente",³⁶ é a fonte dos dons que formam a Igreja (1Coríntios 12.4-6). As relações humanas são expressas através de presentes, sejam doações de tempo, talentos, habilidades, atenção, cuidado ou dinheiro. São dons de amor que formam e expressam um relacionamento e, portanto, têm significado e significado, não simplesmente utilidade. Na doação de um presente, o presente traz algo do doador para o destinatário. A partilha recíproca de presentes forma laços familiares e comunidade. A partilha dos dons graciosos do Espírito Santo forma a Igreja.

Este destaque da troca de presentes começa a mostrar porque o conceito de comunhão é central para a identidade da humanidade:

Em comum com toda a criação, a humanidade se recebe como um dom de Deus. O dom da nossa humanidade tem algo do doador, Deus, ao receptor, a pessoa humana. Embora a humanidade receba tudo de Deus, ela é chamada, por sua vez, a se entregar a Deus em gratidão. A humanidade é chamada para a troca amorosa, ou comunhão, com Deus e dá voz ao dom da criação de louvor e ação de graças...

Portanto, essa relação com Deus, reconhecida ou não, é a característica definidora do que é ser humano, indo além de todas as diferenças humanas, não menos do gênero:

Há, no entanto, apenas uma relação que é totalmente definitiva de toda criatura: sua relação com Deus que cria todas as coisas. Fora dessa relação com Deus, o criador, toda criatura, incluindo a pessoa humana, não é nada.

³⁵ Veja: 'In the Image and Likeness of God', um trabalho apresentado para IASCUFO, Dezembro 2018. As citações subsequentes também são deste documento. Trabalho não publicado ainda.

³⁶ St Thomas Aquinas, Summa Theologiae Ia.38

Enquanto toda pessoa humana é filha de um relacionamento parental e entra em uma variedade de relações vivas como, por exemplo, irmã/ão, cônjuge, pai, mãe, amiga/o, colega, líder ou ajudante, nenhuma relação única entre pessoas humanas define totalmente essas pessoas. Uma mulher pode ser uma mãe, irmã, amiga ou cuidadora, mas nenhuma dessas relações, mesmo que preciosas e valorosas, captura a profundidade de sua humanidade. Nossos relacionamentos enquanto criaturas são fluidos e nenhum desses compreende o mistério de nossa humanidade e todas as suas possíveis manifestações. No entanto, através dessas relações, aprendemos e participamos da nossa relação fundamental com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, "aquele em quem vivemos, nos movemos e temos o nosso ser" (Atos 17.28).

O artigo de Oliver mostra, então, que no nível fundamental, no modo primário em que somos humanos, somos iguais porque todos compartilhamos dessa característica definidora de nossa humanidade, que é a de que nossas vidas são um dom de Deus e são definidas por esse relacionamento que somos chamados a compartilhar eternamente. O enfraquecimento da dignidade humana através de relações injustas entre os gêneros, assim como através de outras relações injustas e desumanas, é profundamente ofensivo ao ensino cristão e à vida cristã.

2. O chamado da igreja

Qual é o lugar e o papel da Igreja dentro da relação de dom da humanidade com Deus? Uma resposta ecumênica clara e concisa é fornecida por um documento recente da Comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas, "[A Igreja: para uma visão comum](#)" (TCTCV).³⁷ Começa no mesmo lugar já mencionado, com uma descrição de como, no princípio, o homem e a mulher foram criados à imagem do Deus Triúno, portando assim uma capacidade inerente de comunhão com Deus e uns com os outros. O documento prossegue descrevendo como o propósito de Deus na criação foi frustrado pelo pecado e pela desobediência humana, que prejudicou as relações entre Deus e os seres humanos, e entre os seres humanos e a ordem criada.

Mas Deus persistiu na fidelidade apesar do pecado e erro humano. A história dinâmica da restauração da *koinonia* por parte de Deus encontrou sua realização irreversível na encarnação e no mistério pascal de Jesus Cristo. (TCTCV Seção 1)

Em seguida, a Igreja encontra seu lugar e papel:

"A Igreja, como o corpo de Cristo, age pelo poder do Espírito Santo para continuar a missão vivificante de Cristo no ministério profético e compassivo e assim participa da obra de Deus de curar um mundo destruído". (TCTCV Seção 1)

³⁷ Commission on Faith and Order, WCC Publications 2013. Com agradecimentos ao Rev. Cânon, Dr. John Gibaut, que preparou os parágrafos a seguir com base nas ideias eclesiológicas do relatório. O texto do relatório pode ser acessado em Português: <https://www.oikoumene.org/pt/documentos/a-igreja-uma-visao-ecumenica>

Um elemento vital nesta missão da Igreja vem do conceito bíblico de comunhão ou *koinonia*. O substantivo grego *koinonia* deriva do verbo que significa "ter algo em comum", "compartilhar", "participar", "fazer parte de" ou "agir em conjunto". Ela aparece em passagens relatando a partilha na Eucaristia (1Coríntios 10.16-17), a reconciliação (Gálatas 2.7-10), a coleta para os pobres (Romanos 15.26; 2Coríntios 8.3-4) e a experiência e testemunho da Igreja (cf Atos 2.42-45) (TCTCV Seção 13). Assim, a vida em comunhão é de justiça e paz. A Igreja, então, é chamada a tornar visível o dom irrevogável da comunhão de Deus dentro da família humana e, de fato, com toda a ordem criada.

Neste ponto, é importante reconhecer que a missão da Igreja é prejudicada sempre que a comunidade cristã nega, distorce ou rejeita o dom da comunhão em sua vida e testemunha ao iniciar ou perpetuar relações injustas inerentes ao racismo, à injustiça econômica, à guerra e à injustiça de gênero. A dolorosa história da divisão cristã pertence a essa deformação de comunhão. Relações injustas entre mulheres, homens, meninas e meninos também fazem parte disso: elas devem ser reconhecidas no nível mais básico da comunidade eclesial como *koinonia* distorcida. Como a divisão cristã, a negação da comunhão entre mulheres e homens impede a missão fundamental da Igreja como sinal e servo do desígnio de Deus para o mundo: a comunhão de todos sob o reino de Cristo (TCTCV Seção 25).

Por outro lado, a *koinonia* plena e visível entre mulheres e homens numa relação sacramental de justiça e paz na Igreja é um caminho particular que os cristãos proclamam que:

A comunhão, cuja fonte é a própria vida da Santíssima Trindade, é tanto o dom pelo qual a Igreja vive e, ao mesmo tempo, o dom que Deus chama a Igreja a oferecer a uma humanidade ferida e dividida na esperança da reconciliação e da cura. (TCTCV Seção 1).

3. O chamado da Comunhão Anglicana

A Comunhão Anglicana encontra sua identidade e chamado neste dom de comunhão. As/os Episcopais e Anglicanas/os não pertencem a uma união de igrejas, mas a uma comunhão de igrejas. Portanto, a Comunhão não é uma corporação global com uma única estrutura legal e financeira governada por uma sede, mas uma comunhão de igrejas autônomas e interdependentes que através de orações, companheirismo e missão compartilham ativamente sua fé episcopal/anglicana. Isso implica que elas não existem em um estado fixo um com o outro, mas, ao contrário, precisam continuamente restabelecer o que elas têm em comum das diferenças e diversidade que elas incorporam. Ser uma "comunhão" implica um processo contínuo de encontrar o que é comum dentro da diversidade da vida episcopal e anglicana em todo o mundo.

Por exemplo, não há um, mas quatro instrumentos da Comunhão: o ofício do Arcebispo de Cantuária, a Conferência de Lambeth, as reuniões dos Primazes e o Conselho Consultivo Anglicano. Como um conjunto variado de instrumentos musicais, essas diferentes organizações precisam ser tocadas umas com as outras para produzir uma sinfonia musical. Estes instrumentos visam promover a

koinonia entre as igrejas membros e compartilhar o testemunho comum, a missão e o evangelismo no contexto global. Os instrumentos são partes da estrutura da política da Comunhão e também reuniões de agentes humanos em conjuntos particulares de relacionamento.³⁸

Além dessas instituições formais, a *koinonia* também se manifesta em uma série de conexões informais e conexões através da Comunhão, entre dioceses, paróquias, agências e indivíduos. A interação humana está no coração do que significa pertencer à Comunhão Anglicana, no contexto de extraordinária e maravilhosa diferença e diversidade, não menos importante na expressão e compreensão do gênero. Essa interação deve ser continuamente de encontro e de valorização do que cada um tem em comum.

Para este fim, as/os anglicanas/os e episcopais têm se engajado na discussão do gênero desde o início. No século XIX, os debates centraram-se na poligamia, como missão cristã encontrou diversos entendimentos de gênero e diferentes formas de família, casamento e práticas sexuais. No final do século XIX, a questão do divórcio e da "pureza sexual" foi contestada e a questão de como tratar as/os divorciadas/os na igreja tornou-se uma questão recorrente no século XX. Nos anos 1920 e 1930, o foco era o controle de natalidade e a contracepção. Desde 1978, a discussão da homossexualidade e do casamento entre pessoas do mesmo sexo foi levantada em cada uma das Conferências de Lambeth que ocorreram.³⁹

A discussão sobre gênero sempre foi difícil devido às diferenças culturais, religiosas, nacionais e regionais e à compreensão diversificada da Bíblia e das tradições teológicas. Mas quanto maiores as diferenças, maior o potencial para uma comunhão profunda e significativa, embora o perigo de incompreensão e preconceito também esteja presente. Christopher Craig Brittain e Andrew McKinnon, em seu recente estudo etnográfico da Comunhão Anglicana, escrevem:

Não há dúvida de que o desacordo pode ser destrutivo ou perturbador para a missão da igreja, mas o conflito não é necessariamente inútil em si mesmo.⁴⁰

É citado o estudo clássico de conflito de George Simmel para argumentar que o conflito e o desacordo fornecem muito do dinamismo e energia da vida social, e oferecem possibilidades para as organizações se adaptarem a novas situações.⁴¹

³⁸ Towards a Symphony of Instruments, IASCUFO 2015, p.83,

<https://www.anglicancommunion.org/media/209979/Towards-a-Symphony-of-Instruments-Web-Version.pdf>

³⁹ Ver, por exemplo, Jane Shaw, 'Bonds of Affection? Debates on Sexuality', in Anglican Women on Church and Mission, ed. Kwok Pui-Lan et al. New York: Morehouse Publishing, 2013

⁴⁰ Sobre isso, veja especialmente Christopher Craig Brittain and Andrew McKinnon, The Anglican Communion at a Crossroads: The Crises of a Global Church, Pennsylvania State University Press, 2018, p.146. Ver capítulo 5 como um todo, 'National Strictures, Global Structures, and the Ties That Bind'

⁴¹ George Simmel, Conflict: The Web of Group-Affiliations. New York: Free Press, 1955

A Bíblia no projeto Vida da Igreja

Conversas e contestações em toda a Comunhão Anglicana sobre gênero e sexualidade tornaram aparente que os anglicanos interpretam as escrituras de maneira diferente. Reconhecer as diferentes práticas interpretativas da Bíblia entre as/os episcopais e anglicanas/os deu origem ao projeto "A Bíblia na Vida da Igreja" em 2009. Este projeto foi uma iniciativa tanto para entender como a Bíblia é interpretada em contextos anglicanos específicos como para facilitar o engajamento respeitoso, através de diferentes práticas interpretativas episcopais e anglicanas.

A maneira como lemos a Bíblia é claramente um componente importante de um diálogo em toda a Comunhão em nosso trabalho para relacionamentos justos entre mulheres e homens, meninas e meninos. Seguindo a exortação de 1Pedro 3:15, devemos sempre estar dispostos a oferecer um relato de como lemos as escrituras quando perguntadas, mas com gentileza e reverência.

Uma grande variedade de recursos reunidos ou comissionados pela Bíblia no projeto Vida da Igreja está disponível em um kit on-line em <http://bit.ly/2GtI5zs>.

Outras seções nestes materiais de estudo mostram como as relações injustas entre mulheres e homens, meninas e meninos precisam ser superadas. Isso é verdade tanto dentro da Comunhão Anglicana quanto além dela. A busca da *koinonia* precisa incluir um compromisso com o tipo de justiça que dá a todos a liberdade e a oportunidade de escolher entrar nela. Os seguintes tipos de iniciativa tornaram-se centrais para isso:

- promoção da igualdade entre os gêneros e a participação das mulheres em todos os níveis de tomada de decisão em toda a Comunhão Anglicana;
- compartilhar as histórias das mulheres na Comunhão Anglicana;
- apoio e acompanhamento aos episcopais e anglicanas/os e outras/os que estão trabalhando para erradicar todas as formas de violência baseada em gênero, incluindo tráfico de seres humanos;
- advogar pelo acesso de todas as mulheres e meninas à educação e à saúde, incluindo cuidados e recursos de saúde reprodutiva e materna;
- defender a erradicação da pobreza extrema e da fome e o abuso ambiental.⁴²

A Comunhão Anglicana é chamada a viver a *koinonia* em meio a mudanças globais, aumento do nacionalismo, realinhamento político e conflitos culturais e religiosos. Substituir os relacionamentos injustos pelos relacionamentos justos entre todos os seus membros, pode se tornar um farol de esperança para um mundo dividido e fragmentado. Se as/os anglicanas/os e episcopais puderem aprender a ouvir e respeitar a fé profunda de cada uma/um, enquanto buscam maneiras de encontrar uma comunhão justa e duradoura baseada na relação de troca de dons, ela cumprirá seu chamado e dará um poderoso testemunho do Evangelho.

⁴² Priorities of the International Anglican Women's Network (IAWN), <https://iawn.anglicancommunion.org/>

Questões para Discussão

1. “Em vez de situar a imagem divina unicamente em uma qualidade ou característica humana essencial, podemos primeiro olhar para Deus e o chamado divino para toda a humanidade.” Como essa afirmação transforma nossa compreensão do lugar e da importância das diferenças de gênero e outras na humanidade?
2. “A Igreja, então, é chamada a tornar visível o dom irrevogável da comunhão de Deus dentro da família humana e, de fato, com toda a ordem criada.” Como a igreja em seu contexto pode trazer isso para uma expressão clara e rica?
3. Como as relações injustas entre os gêneros da sua parte da Comunhão Anglicana podem ser superadas e uma *koinonia* verdadeira e duradoura pode ser encontrada?

Sessão 7: Masculinidades e Feminilidades Transformativas

Objetivos

- Aprender sobre Jesus como modelo de masculinidade transformadora.
- Aprender sobre a liderança das mulheres no Novo Testamento e feminilidade transformadora.
- Compreender os papéis das/os líderes religiosas/os na promoção da masculinidade e feminilidade transformadora.

Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus.

Gálatas 3.28

Hoje, as normas e as expectativas tradicionais de gênero estão passando por rápidas mudanças devido à globalização, à tecnologia da informação e às mídias sociais. Um número crescente de mulheres e homens, especialmente aquelas/es pertencentes à geração mais jovem, encontraram normas rígidas de gênero e estereótipos limitadores e injustos. Para enfrentar as desigualdades e a violência de gênero, precisamos desenvolver novos entendimentos sobre a masculinidade e a feminilidade na igreja e na sociedade, para que homens e mulheres trabalhem juntas/os pela mudança social. Podemos aprender com a Bíblia porque ela oferece muitos *insights* sobre masculinidade e feminilidade transformadora.

Jesus como modelo de masculinidade transformadora

Pessoas cristãs acreditam que Jesus serve como modelo para a humanidade ser plena. Os mundos judeu e greco-romano eram sociedades patriarcais fortemente masculinizadas. Determinar regras e exercer autoridade eram amplamente consideradas como prerrogativas masculinas e os homens eram considerados como tendo as qualidades necessárias para liderança, como iniciativa, razão e coragem. Homens com propriedade e poder dominavam mulheres, escravos, menores e outros homens com menos poder. Acreditava-se que as mulheres estavam mais bem preparadas para as tarefas domésticas e tinham as virtudes necessárias de modéstia e trabalho duro. A maioria das mulheres era politicamente e socialmente excluídas do exercício de poder e sujeitas a supressão e abuso, enquanto uma minoria era capaz de negociar o mundo e fazer contribuições para a vida pública.

Apesar disso, o próprio Jesus tinha uma maneira extraordinária de se relacionar com mulheres em igualdade de condições, incomum em seus dias. Sua visão de reinado ou Reino de Deus resultou em uma comunidade de iguais reunidas/os em torno dele, tanto mulheres quanto homens, muitas/os dos quais deixaram suas casas e posses para segui-lo. Os Evangelhos de diferentes maneiras testificam a

notável liberdade que Jesus teve ao se relacionar com as mulheres como pessoas, como discípulas e como líderes.

Jesus foi criado em um lar judaico e, claro, seguiu muitos dos costumes judaicos durante seu crescimento. Sua sociedade estava dividida entre ricos e pobres e entre judeus e gentios. A cultura judaica no tempo de Jesus era diversa e não monolítica. O próprio Jesus tinha uma maneira extraordinária de se relacionar com as mulheres em igualdade de condições, incomum em seus dias.

Liderança transformadora

Jesus sabia que sua missão de revelar o Reino de Deus não seria fácil e ele não poderia realizá-la sozinho. Ele chamou discípulos/os e iniciou um movimento de reforma formando uma comunidade alternativa ao seu redor. Entre as pessoas que o seguiam estavam mulheres e homens, judeus e gentios. No deserto, Jesus foi tentado pela riqueza e pelo poder, mas resistiu à tentação e retirou-se da multidão e das pessoas que o rodeavam para orar e descansar. Jesus não tinha medo de mostrar suas emoções. Quando ele viu a família e os amigos de Lázaro chorando porque eles pensavam que ele estava morto, ele chorou (João 11.33-35). Ele lamentou o destino de Jerusalém e quis reunir suas filhas/os como uma galinha reúne sua ninhada sob suas asas (Mateus 23.37). O ministério de Jesus era inclusivo e ele convidou as crianças a irem até ele. A multidão que seguia Jesus muitas vezes se aliara a ele e não à classe dominante, mostrando que havia homens ao redor de Jesus que desafiavam o *status quo*. Jesus morreu na cruz e mostrou a vulnerabilidade de seu modo de ser líder. Antes de sua morte, ele compartilhou a última ceia com suas/seus discípulos/os e encarregou as pessoas que o seguiam a continuar sua missão. Jesus demonstrou liderança servidora e um tipo diferente de autoridade e não atraiu elogios por si mesmo, mas deu glória a Deus.

Superando tabus culturais

No tempo de Jesus, um homem judeu não deveria falar com uma mulher gentia, especialmente alguém com uma reputação questionável. Jesus quebrou este tabu falando com uma mulher samaritana junto ao poço de Jacó (João 4.1-42). A mulher samaritana, que teve cinco maridos e vivia com outro homem, ficou tão inspirada que voltou para sua cidade e espalhou as notícias sobre o Messias. Muitos samaritanos acreditaram em Jesus por causa do testemunho desta mulher. Em outra ocasião, Jesus curou uma mulher que sofria de hemorragias por doze anos (Lucas 8.43-48). A mulher tinha uma doença estigmatizada e tinha vergonha de pedir a Jesus para curá-la. Ela só tocou a franja das roupas de Jesus, mas Jesus a reconheceu na multidão. Ele disse: "Filha, sua fé fez você ficar inteira, plena". Ao fazê-lo, ele reconheceu a agência da mulher. Essas histórias do evangelho mostram que Jesus cruzou fronteiras religiosas e sociais e que suas boas novas eram para todas as pessoas.

Levando as mulheres a sério

Jesus respeitou sua mãe Maria e quando o vinho acabou nas bodas de Caná, Jesus mostrou seu primeiro sinal do Reino transformando a água em vinho após a ordem de Maria aos diáconos [serventes] (João 2.1-11). Como educador itinerante que viajava de um lugar para outro, Jesus aceitou a hospitalidade de homens e mulheres que compartilhavam alimento e sustento com ele. Quando ele visitou a casa de Marta e Maria, Marta estava ocupada com suas tarefas domésticas cuidando do hóspede, mas Maria sentou-se aos pés de Jesus e ouviu o que ele estava dizendo. Quando Marta pediu a Jesus para dizer a Maria para ajudá-la, Jesus lhe disse que Maria fez a melhor escolha (Lucas 10:38-42). A história mostra que o papel da mulher não se limita às tarefas da casa. Elas também podem aprender o Evangelho e ensinar as outras pessoas. Em outro caso, uma mulher siro-fenícia veio e implorou a Jesus que curasse sua filha. No início, Jesus disse que a graça de Deus era só para o povo judeu. Quando a mulher persistiu, ele mudou de ideia e curou a filha por causa da fé da mulher (Mateus 15.21-28; Marcos 7.24-30). Jesus apreciou as mulheres que persistiram, tomavam iniciativa e tomavam decisões.

Lutando por justiça para as mulheres

Jesus prestou atenção ao seu ambiente social e à vida das mulheres ao seu redor. Ele não ignorou o que as mulheres faziam dentro da casa, como assar pão (Mateus 13.33) e varrer a casa em busca de uma moeda perdida (Lucas 15.8) e incluiu-as em suas parábolas sobre o Reino de Deus. Ele era contra um homem que se divorciava de sua esposa, exceto pela falta de castidade (Mateus 19.3-9). Em sua cultura patriarcal, um homem poderia enviar a sua esposa um certificado de rejeição e divorciar-se dela. A sociedade iria desprezar uma mulher divorciada e ela poderia perder os meios para viver. Jesus também mostrou compreensão e compaixão por uma mulher apanhada em adultério. Os escribas e fariseus levaram a mulher a Jesus, mas não ao homem que fizera sexo com ela. Quando eles citaram a lei mosaica, que dizia que tal mulher deveria ser apedrejada, Jesus disse que quem não tivesse pecado poderia atirar a primeira pedra. Um a um, todos foram embora, pois sabiam que também haviam pecado. Jesus não condenou a mulher e pediu que ela não pecasse novamente (João 8.1-11). Muitas sociedades julgam as mulheres com mais rigor do que os homens e, neste exemplo, Jesus perdoou a mulher e criticou a hipocrisia dos líderes religiosos.

Os Evangelhos retratam Jesus como um profeta que desafiou a injustiça social, incluindo o preconceito e a discriminação contra as mulheres. Durante seu tempo, a masculinidade e a feminilidade foram definidas em uma rede de relações sociais que determinavam superioridade e inferioridade. Como um profeta social iconoclasta, Jesus clamou por uma renúncia desta rede de relações sociais pela qual sua sociedade definiu privilégio e status⁴³. Jesus denunciou a hipocrisia dos fariseus e outros líderes religiosos e fez amizade com pecadoras/es e coletores de impostos. Ele ensinou, curou e restaurou as mulheres à dignidade e à integridade. Ele cruzou fronteiras sociais e religiosas falando com mulheres gentias, curando a

⁴³ Rosemary Radford Ruether, 'Christology and Feminism: Can a Male Savior Save Women', in *To Change the World: Christology and Cultural Criticism* (New York: Crossroad, 1981), 55-56.

filha possuída por demônios da mulher siro-fenícia e demonstrando simpatia pelas mulheres marginalizadas. Seu comportamento iconoclasta enfureceu a multidão e até mesmo seus discípulos muitas vezes não conseguiam entendê-lo. O ensinamento e ministério de Jesus indicavam a visão de uma nova humanidade e um modelo de masculinidade transformadora. Ele mostrou que tanto mulheres como homens são criados à imagem de Deus e parceiros na realização da missão de Deus.

Masculinidades transformativas

O exemplo de Jesus nos desafia a desenvolver mais pensamentos úteis e que promovam a vida e que ajudem na direção de ressignificar o que significa ser homem. Para abordar as questões devastadoras da violência baseada em gênero e HIV / AIDS, novas construções de masculinidade são urgentes e necessárias. Enquanto os homens ainda acharem que têm o direito e o poder de controlar o corpo e a sexualidade das mulheres, a justiça de gênero será apenas um sonho. Estudiosas/os africanos produziram um material intitulado *Redemptive Masculinities and Contextual Bible Study Manual on Transformative Masculinities* (Masculinidades redentoras e Estudos Bíblicos Contextuais sobre Masculinidades Transformadoras) que exploram construções perigosas da masculinidade e vislumbram novas formas de construir relações de gênero que ajudarão a abordar a prevalência da violência baseada no gênero e da epidemia do HIV / AIDS.⁴⁴

Em sua introdução ao “Manual de Estudos da Bíblia”, Ezra Chitando critica visões tendenciosas da masculinidade, como a superioridade masculina, a falta de respeito pelos direitos humanos e pelos sentimentos das mulheres, a recusa em aceitar a liderança das mulheres e a necessidade de estar sempre no controle e permanecer altamente competitivos. A suposição de que a proeza masculina é mostrada por ter tantos parceiros sexuais quanto possível levou ao abuso sexual e à disseminação do HIV / AIDS. Em vez disso, Chitando encoraja o cultivo de “homens equitativos de gênero” nas comunidades. Esses homens e meninos seriam cuidadosos e sensíveis; respeitariam as mulheres, crianças e outros homens; permaneceriam fiéis nos relacionamentos; permitiriam que o espaço de suas parceiras seja independente e possa crescer; usariam o diálogo e não a força para resolver conflitos; usariam linguagem respeitosa para com mulheres e crianças; compartilhariam as tarefas domésticas e o cuidado com as crianças; aceitariam a liderança das mulheres e enfrentariam a violência sexual e de gênero sempre que as encontrassem.

Como muitos países da Comunhão Anglicana passaram por uma longa história de colonialismo, guerra, violência, ditadura e conflitos raciais e étnicos, é importante investigar como a opressão política e social deixou seu impacto sobre a psique de homens e meninos. Quando os homens que são subjugados na esfera pública sentem que sua masculinidade foi diminuída, eles às vezes expressam sua raiva e

⁴⁴ Ezra Chitando and Sophie Chirongoma, eds., *Redemptive Masculinities: Men, HIV and Religion* (Geneva: World Council of Churches, 2012); e Ezra Chitando e Nyambura J Njoroge, eds., *Contextual Bible Study Manual on Transformative Masculinity* (Harare, Zimbabwe: Ecumenical HIV and AIDS Initiative in Africa, 2013), http://ujamaa.ukzn.ac.za/Libraries/manuals/EHAIA_Transformative_Masculinity%20English.sflb.ashx

frustração em mulheres e crianças em particular. Para desenvolver a masculinidade transformadora, os sistemas e instituições sociais que perpetuam a violência e a dominação devem ser desafiados e modificados. Deve haver oportunidades para que as cicatrizes e feridas psíquicas de homens e meninos sejam curadas, de modo que eles aprendam a respeitar as outras pessoas, especialmente mulheres e crianças.

Os líderes religiosos podem desempenhar papéis importantes na promoção da masculinidade transformadora. Em muitas sociedades, a religião tem sido parte do sistema cultural que justifica a superioridade masculina e o abuso das mulheres. Alguns homens apelaram para textos sagrados, que eles acham que lhes dão licença para dominar as mulheres. Portanto, os líderes religiosos devem servir como modelos de masculinidade transformadora e promover novas compreensões da masculinidade através de sua pregação e ensino. Eles devem reinterpretar os textos sagrados para promover a igualdade de gênero e o respeito pelas mulheres e meninas. Eles também podem usar estruturas existentes, como a Escola Dominical, o encontro de jovens e grupos de homens e mulheres, para inculcar ideais de masculinidades transformadoras. Através de programas de divulgação, publicações e trabalho com agências não-governamentais, os líderes religiosos podem promover novas ideias de masculinidade transformadora.

Mulheres como discípulas e líderes no Novo Testamento

Além do exemplo de Jesus como masculinidade transformadora, o Novo Testamento mostra que as mulheres desempenhavam papéis muito fortes e importantes no cristianismo primitivo. Os três primeiros Evangelhos apresentam as mulheres como modelos de discipulado de Jesus, permanecem com ele em sua jornada até a cruz, mesmo quando seus discípulos do sexo masculino o abandonam (Mc 15.40-41). Lucas nos diz que essas mulheres estão entre as pessoas que seguem (discípulas/os) Jesus da Galileia e que elas ministram a Jesus, tornando possível seu ministério através de seus serviços (Lucas 8.1-3). Enquanto esses Evangelhos falam de um grupo mais íntimo de doze discípulos ou apóstolos, eles também estão cientes de um grupo de mulheres que têm um relacionamento especial com Jesus: há um grupo interno de homens e de mulheres igualmente. Lucas nomeia mulheres como Maria Madalena, Joana (que é ligada à corte real) e Susana. Marcos menciona outra Maria, e também Salomé, que pode ser a mãe dos apóstolos Tiago e João.

O Evangelho de João está mais preocupado com os encontros individuais com Jesus do que com grupos e, portanto, seu foco está no encontro de Jesus com várias mulheres que acreditam nele, às vezes, por meio de dúvidas e lutas internas. No início do Evangelho, a mãe de Jesus desempenha um papel no começo do ministério de Jesus, declarando sua fé em sua palavra e, no final, o Jesus moribundo a oferece ao discípulo amado como sua mãe (2.5; 19.25-26). A mulher samaritana encontra em Jesus a fonte de água viva e sacia a sua profunda sede de vida (4.1-42). Marta e Maria descobrem que Jesus é a ressurreição e a vida e confessam sua fé nele através de palavras e ações (11.25-27; 12.3-8).

Maria Madalena como uma mulher discípula

A mais proeminente entre as mulheres discípulas em João e nos outros Evangelhos, além da mãe de Jesus, é Maria Madalena. Em nenhum lugar no Novo Testamento ela é retratada como uma prostituta. Essa identificação foi um erro infeliz nos primeiros séculos da igreja ocidental. Um elemento significativo na descrição de Maria nos Evangelhos é seu segundo nome, "Madalena". Isto é geralmente considerado como uma referência ao seu lugar de origem, uma aldeia na Galiléia chamada "Magdala", às margens do Mar da Galileia. O nome vem de uma palavra hebraica que significa "torre" e é provável que "Madalena" seja um apelido dado a ela por Jesus, indicando algo de seu caráter como uma "torre de força". Jesus, da mesma forma, dá apelidos a Simão ("Pedro", Marcos 3.16; Mateus 10.2; Mateus 16.18), e a Tiago e João ("Boanerges" ou "filhos do trovão", Marcos 3.17). Se assim for, enfatiza a importância de Maria como líder no movimento em torno de Jesus.

O verdadeiro papel de Maria, no entanto, é o testemunho da ressurreição. Assim, ela é apresentada em Marcos e Mateus, mas mais significativamente em João. Lá, Maria luta para encontrar o corpo de Jesus e descobre, para sua alegria, seu Senhor vivo, reconhecendo a voz do Bom Pastor chamando seu nome. É a ela que Jesus dá primeiro a proclamação das boas novas de sua ressurreição e ela a proclama fielmente aos outros discípulos (João 20.1-18). Ela vai e é enviada (apostolada) para proclamar a notícia.

A Igreja antiga deu a Maria o título de "apóstola dos apóstolos", enfatizando seu papel apostólico e seu significado na difusão das boas novas. Ela é a primeira a ver e acreditar plenamente, a primeira a receber a comissão, a primeira a anunciar o triunfo de Jesus sobre a morte. Seu alegre anúncio, "Eu vi o Senhor!" (20:18), é o anúncio cristão formal da ressurreição (o *querigma*), bem como a experiência profundamente pessoal na qual ela é baseada.

Paulo e o Batismo

Os escritos de Paulo foram usados para justificar o status de segunda classe da mulher na igreja e na sociedade. Alguns viam Paulo como um misógino, alguém que tinha problemas com as mulheres e sua liderança, ao contrário de Jesus. No entanto, isso está longe de ser o caso. Além de qualquer outra coisa, Paulo tinha um número significativo de mulheres que eram suas colegas e trabalhavam no ministério e na missão ao lado dele. Em um lugar, ele menciona nove mulheres que incluem a teóloga Prisca (Priscila) - junto com seu marido Áquila, o diácono -; Febe, que trabalhou em Corinto como patrona da igreja e foi contratada para levar a carta aos romanos para Roma em nome de Paulo, e também a apóstola Júnias, junto com seu marido, Andronicus (Romanos 16.3,16). Por muitos anos, foi questionado se uma mulher poderia ser uma apóstola, mas não há mais qualquer dúvida de que o nome da apóstola era Júnias, um nome feminino comum, e não "Junias", um nome masculino que nunca aparece no mundo antigo. Até mesmo João Crisóstomo, no quarto século, a reconheceu como uma apóstola.

A declaração central de Paulo sobre a natureza e as implicações do batismo cristão em Gálatas 3.26-29 é ainda mais importante teologicamente do que a lista impressionante de cooperadoras de Paulo:

... todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus. E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa.

Para Paulo, há uma nova identidade em pertencer a Cristo, um novo status como filhas/os adultas/os de Deus, que é simbolizado acima de tudo pelo batismo. No batismo entramos em Cristo e assumimos sua identidade.

Desta cristologia fluem implicações radicais para a comunidade de crentes. Embora sendo um judeu e um macho, de uma classe socioeconômica específica e região geográfica, Jesus através da ressurreição pode abraçar todos os seres humanos, reunindo-os em sua identidade. O batismo, portanto, significa a nova identidade dada em e através de Cristo. Em outros lugares, Paulo fala do batismo como morrendo com Cristo a fim de ressuscitar com ele. Todo o padrão de vida cristã é aquele em que os crentes diariamente morrem para a velha ordem das coisas e ascendem ao novo:

Ou vocês não sabem que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em sua morte? Portanto, fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova. (Romanos 6.3-4)

A morte e ressurreição de Cristo tornam possível um novo e transformado modo de vida, em oposição à velha ordem do pecado, violência, opressão, dominação e morte.

Um outro aspecto é importante aqui. Paulo está ciente da tradição de Gênesis, desde o relato da primeira criação onde, no sexto dia, mulheres e homens são criados à imagem de Deus (Gênesis 1.26-27). O que isto significa é que a mesma igualdade original de homens e mulheres, antes da queda, é agora restaurada em Cristo. As mulheres não precisam mais ser submissas e subservientes aos homens, mas podem ocupar seu lugar pleno dentro da comunidade cristã como aquelas que foram criadas à imagem divina e refeitas à imagem de Cristo.

Outros textos Paulinos

O restante dos textos Paulinos precisam ser localizados dentro do contexto desta passagem chave de Gálatas. Alguns dos textos difíceis que parecem sustentar a liderança masculina em casa e o silêncio das mulheres na igreja precisam ser lidos a partir de novas perspectivas. Nem todos os textos expressam o que os intérpretes têm assumido como tal através dos tempos. Por exemplo, embora 1Coríntios 11.2-16 seja uma passagem difícil de entender em alguns aspectos, está claro que Paulo vê as mulheres como perfeitamente capazes de participar plenamente e ter sua voz ouvida na igreja durante os cultos, incluindo o porquê foi dado a elas o maior dos dons que é o da profecia. Elas têm a sua própria autoridade para falar na assembleia reunida (11.10).

E sobre os textos como 1Timóteo 2.11-15, que parecem silenciar a liderança de mulheres na igreja e as condenar à submissão silenciosa em relação as autoridades masculinas. Este texto tem sido usado para oprimir mulheres. Uma leitura generosa pode sugerir que é “quietude” o que é requerido aqui, não silêncio. E o texto não estabelece que as mulheres devem ser submissas aos seus maridos, mas mais provavelmente significa o tipo de submissão que toda pessoa cristã deve cultivar ao ouvir a palavra de Deus.

Uma outra maneira de ler esta passagem é: “Deixe uma mulher aprender de uma maneira submissa e calma. Mas eu não permito a ela ensinar com a intenção de dominar um homem. Ela deve ser gentil em seu comportamento”. Esta maneira de ler o texto também se encaixa com a preocupação da carta sobre aquelas pessoas que promovem falsos ensinamentos. Mulheres apresentando visões equivocadas com um espírito de contestação são instruídas a cultivar a quietude e uma abertura receptiva ao ensinamento apostólico. Isto não as exclui de uma posição de liderança ou autoridade.

Uma outra grande característica das cartas paulinas é encontrada naquelas passagens normalmente chamadas de “códigos domésticos”. Estes são instruções para pessoas da comunidade cristã dentro da casa/família num contexto onde elas estavam lutando para sobreviver num mundo governado pelo poder imperial romano. Estes textos podem ser vistos menos radicais para nós do que outros, mas de fato eles estão tentando proteger as pessoas cristãs e atenuar aqueles aspectos do Evangelho que eram simplesmente muito radicais para sua sociedade. Assim, eles [os textos] assumem a escravidão e a submissão das esposas aos seus maridos, tentando atenuar essas estruturas e dando a elas/es uma face cristã (por exemplo, Col 3.18-4.11; Ef 5.22-6.9; veja também 1Pd 2.13-3-7).

Nós também precisamos levar em conta que as mulheres casavam muito jovens no mundo antigo, geralmente quando adolescentes com maridos talvez com o dobro de sua idade. Esses homens poderiam ser muito mais escolarizados do que suas esposas, com mais experiência de vida e conhecimento. Para uma jovem moça obedecer ao seu marido mais velho e maduro naquele contexto faz mais sentido do que hoje nos contextos modernos, em que as esposas são normalmente da mesma idade ou ao redor da mesma que eles, têm uma experiência de vida vasta e um nível de educação que se equipara aos seus maridos. O que nós precisamos retirar dessas passagens não é uma cópia dos padrões do mundo antigo, mas os princípios bíblicos de submissão mútua e amor doado dentro do casamento.

A Bíblia, e particularmente o Novo Testamento, atesta sobre a equidade e a mutualidade as quais homens e mulheres estão submetidos dentro de casa e na vida da igreja. A figura de Maria Madalena precisa ser redescoberta, assim como muitas outras mulheres que acompanharam Jesus em seu ministério e na missão com Paulo. O chamado de Maria para proclamar o Cristo ressuscitado é uma vocação experienciada por mulheres assim como por homens. Ela, e suas irmãs, não precisam mais se sentir escravizadas pelos padrões de dominação e autoridade masculinas. Elas foram libertadas em Cristo para tornarem-se verdadeiras e plenas filhas de Deus e irmãs de Cristo, refeitas em sua imagem. Esta é a mensagem principal do ensinamento bíblicos sobre mulheres.

Feminilidade transformativa

O Novo Testamento aponta para a liderança de mulheres, que eram discípulas juntamente com os homens seguidores de Jesus. Essas mulheres como testemunhas, educadoras, missionárias e líderes das igrejas, nas casas colaboraram para desenvolver o movimento de Jesus e as primeiras comunidades. Elas nos oferecem ideias e pistas para o desenvolvimento de uma feminilidade transformadora, que reconhece a dignidade de mulheres e sustenta o desenvolvimento plenas das suas potencialidades.

No passado, a interpretação tradicional de pecado tem sido focada no “orgulho” e “no desejo de poder”, que reflete uma experiência masculina de uma maneira que é incongruente com a experiência de muitas mulheres. As mulheres que internalizaram as normas e estereótipos nocivos de gênero da sociedade têm baixa autoestima, se submetem a figuras de autoridade masculinas e muitas vezes deixam de assumir a liderança e as responsabilidades que lhes seriam apropriadas. Elas são ensinadas a serem altruístas e a se sacrificarem pelos outros, sem saberem como amar e cuidar de si mesmas.

Como o exemplo de Maria Madalena nos mostrou, mulheres e homens são chamados a serem parceiros na missão de Deus. As mulheres têm igual responsabilidade de espalhar o Evangelho e edificar a igreja. Mulheres e homens precisam construir novas relações para fortalecer nossa humanidade comum.

A teóloga anglicana maori Jenny Plane Te Paa escreve: "É, de fato, misericórdia, bondade, humildade, caridade, paciência e amor que caracterizam nossos relacionamentos humanos, nossos modos de estar com e uns pelos outros. Nossa vida em Cristo não é simplesmente sobre maneiras de fazer; é, se é para ser eticamente correto, também sobre o nosso estado de ser."⁴⁵

As mulheres às vezes podem ser as que impedem o avanço delas mesmas, porque estão mais acostumadas a homens que exercem liderança e autoridade. As mulheres podem julgar outras mulheres mais duramente do que os homens. Como tal, tornam-se colaboradoras inadvertidas nos sistemas patriarcais e perpetuam o ciclo da violência. Em vez de se ajudarem mutuamente, as mulheres podem ficar com inveja umas das outras e competem pela aprovação masculina. No conto de Sarah e Agar, Sarah maltrata Agar depois dela ter dado à luz um filho para Abraão. Feminilidade transformadora significa que mulheres formariam uma sororidade de apoio mútuo para desafiar o sistema patriarcal e os privilégios profundamente enraizados nele.

As lideranças religiosas podem ajudar a promover novas ideias de feminilidade transformativa encorajando mulheres a desenvolver seu potencial de liderança, oferecendo oportunidades de avançar na educação sistemática e no seu desenvolvimento profissional, e assegurando que as vozes das mulheres sejam representadas e ouvidas nos processos de tomada de decisões nas igrejas.

⁴⁵ Jenny Plane Te Paa, “Fourth” Guessing the Spirit: Critical Reflections on Contemporary Global Anglicanism from an Indigenous Laywoman’, *Anglican Theological Review* 90:1 (2008): 131

Meninas deveriam crescer em uma igreja com um entendimento saudável de relações de gênero, sabendo que elas serão tratadas com dignidade e respeito. A igreja tem um longo caminho a percorrer para construir uma comunidade que reconheça mulheres e homens como iguais e como parceiros plenos na missão.

Pensando nos 2000 anos já vividos, nós que afirmamos já ter passado pelo Calvário, passado o sepulcro vazio e além do jardim podemos, pelo nosso viver diário do Pacto Batismal - com todas as suas implicações para a paz com justiça e respeitando a dignidade de todo ser humano - ajudar outras a terem encontros significativos com o Senhor ressuscitado.

De um sermão da bispa Barbara Harris, a primeira mulher bispa na Comunhão Anglicana. Ela pregou em uma celebração comemorativa da vida da Revda. Florence Li Tim-Oi, a primeira ministra ordenada na Comunhão, 6 de maio de 2007 (<https://www.anglican.ca/faith/worship/resources/li-tim-oi/harris>)

Questões para discussão

1. Como se entende, a partir de sua cultura e contexto, a masculinidade e a feminilidade?
2. Como o modelo de masculinidade de Jesus pode nos inspirar a mudar nossas relações de gênero?
3. O que podemos aprender sobre o discipulado das mulheres no Novo Testamento e quais são as implicações para hoje?

Sessão 8: Testemunhar relações de gênero justas em nossos ministérios

Objetivos

- Entender as Cinco Marcas de Missão em relação a como se engajar em viver relações justas dentro desta opção missionária;
- Reconhecer a importância da prática, bem como das palavras, e identificar ações para serem desenvolvidas que se encaixem nessa opção missionária;
- Sermos encorajadas/os juntos a trabalhar juntas/os como mulheres e homens, para trazer transformações positivas em relação à justiça de gênero.

Digo-lhes a verdade: O que vocês fizeram a alguns dos meus menores irmãos, a mim o fizeram.

Mateus 25.40

Esta seção destina-se a ser altamente interativa e assumir a forma de uma oficina de trabalho, durante a qual as/os estudantes trazem suas próprias habilidades, ideias e redes para a tarefa de abordar a injustiça de gênero, violência e abuso.

As Cinco Marcas de Missão da Comunhão Anglicana⁴⁶ oferecem uma estrutura para explorar e expressar uma abordagem holística para isso. São marcas de ser uma igreja saudável que contribui para todos os aspectos da missão de Deus no mundo. Uma igreja saudável abraça todas as pessoas, especialmente as vulneráveis, pois "acolhe", "faz um balanço" e "toma medidas" para servir o reino de Deus aqui na Terra como no céu

Todas as pessoas são chamadas a serem missionárias e a desenvolver um ministério no mundo, de acordo com seus dons e talentos. Nos Evangelhos, Jesus nos chama a agir com aquelas pessoas que estão em desvantagem e que estão buscando justiça. Fé em ação dá esperança ao nosso mundo.

A missão da igreja é a missão de Cristo:

1. Proclamar as boas novas do reinado de Deus;
2. Ensinar, batizar e nutrir os novos crentes;
3. Responder às necessidades humanas com amor;
4. Procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação;
5. Lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra.

Realizadas em conjunto, as Cinco Marcas da Missão expressam a compreensão e o compromisso comum da Comunhão Anglicana com a missão integral e holística

⁴⁶ <https://www.anglicancommunion.org/mission/marks-of-mission.aspx>

de Deus no mundo. Nenhuma das marcas de missão é mais importante que outra; cada uma contribui para o todo. No entanto, olhando-as individualmente, elas podem nos dar títulos para refletir sobre uma gama diversificada de fé em ação.

A seguir, exemplos ilustrativos da fé em ação que podem levar à transformação das desigualdades de gênero em todas as esferas da vida.

Espera-se que esses exemplos inspirem a discussão e deem origem a mais ideias relevantes para o contexto das/os estudantes. O ponto importante aqui é que a ação é necessária, assim como palavras - ação que surge como resultado dos três passos (descrito na seção 2) de analisar o contexto de gênero, reler as escrituras para discernir o que Deus pretende e tomar alguma ação para transformação e mudança.

Sugere-se que cada Marca de Missão seja considerada e discutida em pequenos grupos, com a definição de alguns planos de ação claros e realizáveis.

i) Proclamar as boas novas do reinado de Deus

Mulheres e homens trabalhando juntas/os para:

- estudar e rever as escrituras que foram usadas para justificar o abuso das mulheres ou restringi-las de proclamar as boas novas;
- escrever e fazer estudos bíblicos, trazendo diferentes perspectivas para os textos;
- participar na pregação da Palavra;
- compartilhar histórias de fé e cultura;
- oferecer testemunhos;
- revisitar os períodos da história da igreja à luz da justiça de gênero;
- considerar o que significa boas notícias para diferentes grupos de pessoas;
- orar juntas/os e modelar o viver do Evangelho do amor.

ii) Ensinar, batizar e nutrir os novos crente

Mulheres e homens trabalhando juntas/os para:

- escrever material de ensino para o batismo ou preparação para o matrimônio que leve em consideração questões de justiça;
- modelar a co-liderança no ensino, enraizado em exemplos bíblicos positivos;
- caminhar ao lado de novos crentes e criar espaços seguros para novas expressões de missão;
- nutrir de acordo com contexto e necessidade;
- valorizar as perguntas ao invés de fornecer todas as respostas;
- reconhecer que o gênero influencia nosso ensino de teologia e eclesiologia.

iii) Responder às necessidades humanas com amor

Mulheres e homens trabalhando juntas/os para:

- assumir a responsabilidade nos serviços domésticos e de cuidados;
- caminhar ao lado das pessoas mais pobres, das solitárias, das doentes, das

marginalizadas e daquelas que lutam. Por exemplo, trabalhar com o governo e outras agências para eliminar o tráfico de pessoas e o trabalho escravo;

- reconhecer normas e estereótipos de gênero e suas consequências;
- mudar estruturas injustas desafiando as normas sociais que limitam o florescimento humano;
- considerar como as igrejas podem criar um espaço seguro para as/os sobreviventes de violência sexual e abuso de gênero;
- oferecer uma escuta profunda para compreensão, cura e reconciliação.

iv) Procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação

Mulheres e homens trabalhando juntas/os para:

- Encorajar os homens a defenderem as mulheres que são marginalizadas e abusadas e as mulheres a defender os homens que trabalham fora dos estereótipos de gênero;
- implementar políticas e práticas da igreja seguras⁴⁷;
- Incentivar os homens a compartilhar com as mulheres a arena pública e as mulheres a compartilhar com homens a arena doméstica;
- garantir a tomada de decisões compartilhadas e liderança;
- reconhecer e reconsiderar linguagens que exclui mulheres e meninas, especialmente quando se trata de nominar Deus e a humanidade;
- permitir que os homens orientem meninas para melhorar a auto compreensão e aumentar a consciência sobre os efeitos de estereótipos de gênero prejudiciais que levam ao abuso e à exclusão;
- capacitar mulheres para orientar meninas para melhorar a auto compreensão e aumentar a consciência sobre o seu potencial;
- celebrar e trabalhar positivamente com as diferenças de gênero.

v) Lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra

Mulheres e homens trabalhando juntas/os para:

- considerar os impactos de seu estilo de vida nas mudanças climáticas e no meio ambiente;
- aprender ou desenvolver novas iniciativas que contribuam positivamente para a sustentabilidade do planeta, nossa casa comum;
- desafiar as autoridades e empresas que não levam a sério os cuidados com a terra;
- encontrar maneiras de tornar seu ambiente mais sustentável;
- fazer planos para marcar a Temporada da Criação anualmente de várias formas.⁴⁸

⁴⁷ Olhar os materiais desenvolvidos pela Comissão global Anglicana para uma Igreja Segura, <http://bit.ly/2qCyPz5>

⁴⁸ Veja mais recursos: <https://acen.anglicancommunion.org/resources/season-of-creation.aspx>

Questões para discussão

1. O que você pode fazer em sua própria vida e ministério para viver relacionamentos justos entre mulheres e homens, meninas e meninos
2. Na sua comunidade e de forma mais ampla, que passos práticos e objetivos alcançáveis você pode imaginar ao buscar relacionamentos justos entre mulheres e homens, meninas e meninos como parte integral da missão? Com quem você precisa trabalhar para levar isso adiante?

As pessoas que fizeram parte do Grupo de Trabalho Teológico para desenvolver esse material 'A justiça de Deus: relações justas entre homens e mulheres, meninas e meninos':

- Revda Deã Dr Gloria Lita Mapangdol, Presidente & Decada do Seminário de Teologia St Andrew's, Quezon City, Filipinas
- Revda Cânon Professor Dorothy A Lee FAHA, Professora Pesquisadora de Novo Testamento, Trinity College, University of Divinity, Australia
- Professor Gerald West, professor catedrático de Estudos Bíblicos na University of Kwazulu-Natal, School of Religion, Philosophy and Classics, África do Sul
- Professora Esther Mombo, Professora, Faculty of Theology, St Paul's University, Limuru, Quênia
- Professor Paulo Ueti, Assessor Teológico e Diretor para América Latina da Anglican Alliance
- Dr Kwok Pui-Lan, Professora Visitante de Teologia, Candler School of Theology, Emory University, Atlanta, EUA

Coordenação Global da Rede Internacional de Mulheres Anglicanas:

- Venerável Carole Hughes, Igreja Anglicana em Aotearoa Nova Zelândia & Polinésia
- Revda Moumita Biswas, Igreja do Norte da Índia
- Revda Dr Paula Nesbitt, The Episcopal Church, EUA

Equipe: Anglican Communion Office:

- Revda Cânon Terrie Robinson, Diretora do Departamento Mulheres na Igreja & Sociedade
- Revd Cânon Dr Stephen Spencer, Diretor do Departamento de Educação Teológica do Escritório da Comunhão Anglicana

Notas

Maio 2019

A Rede Internacional de Mulheres Anglicana agradece e reconhece o apoio dado de:

- O Fundo do Arcebispo de Cantuária / Comunhão Anglicana
- O Fundo Global de Mulheres da Diocese Episcopal de Nova Iorque
- MB Reckitt Trust

INTERNATIONAL
ANGLICAN
WOMEN'S
NETWORK



The Global Women's Fund of
the Episcopal Diocese of New York

MBR *The MB Reckitt Trust*